



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Artur Azevedo

Os noivos



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Os noivos

Artur Azevedo e Urbano Duarte

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1880.

Livro Digital nº 513 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 - 1908)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

OS NOIVOS
OPERETA DE COSTUMES EM TRÊS ATOS



Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro no Teatro Fênix Dramática, em 12 de outubro de 1880.

A
SEU SOGRO E BOM AMIGO
O ILMO. SR.
HENRIQUE CARDOSO DE MORAIS
oferece,
em sinal de muita gratidão, respeito, amizade e simpatia,

ARTUR AZEVEDO.

PERSONAGENS:

O TENENTE-CORONEL

FREDERICO

PASSOS PEREIRA

O DOUTOR

PINHEIRO

RAIMUNDO

O VIGÁRIO

O MESTRE ESCOLA

CLORINDO

LEONOR

FRANCELINA

DONA MARIA

SALUSTIANO

FABRÍCIO

UM ESCRAVO

Escravos, escravas, convidados, rapazes da escola.

A Cena passa-se no interior da província do Rio de Janeiro, na fazenda do tenente-coronel. Atualidade.

ATO I

Varanda. À esquerda um oratório iluminado, colocado sobre uma cômoda. Ao fundo, tábua de engomar. Do teto pende um lampião. Cadeiras de pau. Ao fundo, parapeito. Além, campo, em perspectiva.

CENA I

O tenente-coronel, de pé, junto ao oratório; ajoelhadas a seu lado Leonor e Dona Maria; mais afastados, e ajoelhados também, escravos e escravas. Rezam.

(Ave Maria)

CORO

Ave Maria, cheia de graça!
Ave Maria, cheia de amor!
Nossos pecados gentil perdoa,
Mãe adorada do Redentor!
Ave Maria, cheia de graça!
Ave Maria, cheia de luz!
Ave Maria, pomba divina!
Ave Maria, mãe de Jesus!

(Continua a música na orquestra. Erguem-se todos silenciosamente)

OS ESCRAVOS

A benção, sinhô? A benção, sinhá?

O TENENTE-CORONEL

Adeus.

LEONOR

Adeus. *(Vai encostar-se pensativa à cômoda)*

O TENENTE-CORONEL

Tomem a benção à Senhora Dona Maria!

OS ESCRAVOS

A benção, sinhá velha?

DONA MARIA (*à parte*)

Sinhá velha! Desavergonhados. (*Alto*) Boa noite.

(*Os escravos retiram-se, entoando um motivo da Ave-Maria. As vozes perdem-se ao longe*)

CENA II

O tenente-coronel, Leonor. Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL (*apagando as velas que iluminam o oratório e fechando-o*)

Boa noite.

DONA MARIA (*sentando-se*)

Boa noite, Senhor tenente coronel.

LEONOR

A benção, dindinho?

O TENENTE-CORONEL

Deus te faça santa. (*Indo dar-lhe a mão a beijar*) Deus te faça santa. (*Fazendo baixar o lampião e acendendo-o com um fósforo*) Ainda está bastante claro, mas fica feito o serviço. Neste tempo, quando menos se espera, é noite fechada. (*Indo sentar-se junto de Dona Maria*) Tem-se aborrecido muito na fazenda, não é assim, Senhora Dona Maria?

DONA MARIA

Eu? Pelo amor de Deus, Senhor tenente-coronel! Há oito dias que aqui estou e não tenho vontade alguma de voltar para a vila. Aquilo anda por lá muito civilizado. Ou viver na roça, mas na roça propriamente dita, ou corte; eu sou pelos extremos.

O TENENTE-CORONEL

Ainda bem!

DONA MARIA

Estou aqui tão bem como se estivesse em casa de minha irmã das Laranjeiras.

O TENENTE-CORONEL

Faça de conta que está em sua casa. Vou dar uma volta pelo terreiro. Até já, Senhora Dona Maria.

DONA MARIA

Até já, Senhor tenente-coronel.

O TENENTE-CORONEL

Até já, menina. Você anda triste; o que é isso?

LEONOR

Nada, dindinho.

O TENENTE-CORONEL (*arremedando-a*)

Nada, dindinho. — Quem bem nada não se afoga. (*Sai pelo fundo*)

CENA III

Leonor, Dona Maria.

DONA MARIA

Seu padrinho tem razão, a senhora não tem estado no seu natural. Pois olhe, não parece que haja motivo... é tão feliz... (*Leonor chora*) Então? O que dizia eu? Está chorando...

LEONOR

Não é nada...

DONA MARIA

Vamos... diga-me... Confie-me as suas mágoas. Quem sabe se não lhe poderei dar remédio? Donde não se espera, daí é que vem. (*Toma-a pela mão, fá-la sentar-se ao seu lado*) Conte-me tudo.

LEONOR (*lacrimosa*)

A senhora lembra-se do Frederico?

DONA MARIA

Do filho do seu padrinho? Perfeitamente. E daí?

LEONOR

Quando o Frederico veio, há dois meses, passar as férias na fazenda, disse-me que gostava muito de mim.

DONA MARIA

E a senhora?

LEONOR

Eu... disse-lhe que também gostava muito dele.

DONA MARIA

E enganava-o?

LEONOR

Não; mas enganava-me a mim própria; porque, depois que voltou para a corte, nunca mais me lembrei dele.

DONA MARIA

E é isso motivo par andar triste?

LEONOR

O motivo é que jurei pela salvação de minh'alma não pertencer a outro homem; dei-lhe a minha palavra de honra que o esperaria...

DONA MARIA

Mas apareceu o Doutor Pinheirinho, o juiz municipal, e a senhora esqueceu-se.

LEONOR

Do Frederico, é verdade... Oh! eu não desgosto do Frederico... fomos educados juntos por dindinho, que me recebeu em sua casa mal fiquei órfã... tendo-lhe amizade... mas ao Doutor Pinheirinho... (*Ergue-se. Dona Maria ergue-se também*) Oh! Ao Doutor Pinheirinho tenho o mais ardente amor!

COPLAS

I

Eu quando o vi a vez primeira
nem sei dizer o que senti;
Pus-me a tremer desta maneira...
tremi... tremi...

DONA MARIA

Tremeu?

LEONOR

Tremi!
Deitar-me fui, mas não dormi...
E só lá pela madrugada,
É que fiquei mais sossegada...
Sentia como um peso aqui.

DONA MARIA

Aí?

LEONOR

Aqui

II

Com Frederico... é diferente...
Não sinto aquele mesmo ardor!
É que namoro isto é somente,
E o outro amor!

DONA MARIA

Amor!

LEONOR

Amor...
Ora imagine o dissabor,
se Frederico da promessa
o cumprimento quer depressa!
Valha-me Deus! que horror! que horror!

DONA MARIA

Que horror!

LEONOR

Que horror!

Aconselhe-me: a senhora no meu lugar, o que faria?

DONA MARIA

Sei lá! O que lhe recomendo é que — um ou outro agarre! Agarre com unhas e dentes! A senhora tem de mais o que muitas tem de menos, mas não facilite, que dia de fartura é véspera de necessidade. No meu tempo... quero dizer: quando eu era mais criança, os pretendentes eram assim. (*Gesto indicando que eram muitos*) Facilitei, e o resultado foi este que a senhora está vendo... Mais feliz foi minha irmã das Laranjeiras. — Olhe, o que posso fazer é isto: Finjo-me apaixonada pelo Frederico; ele provavelmente fica pelo beicinho e esquece da senhora. Aceita?

LEONOR (*irônica*)

Aceito. É infalível.

O TENENTE-CORONEL (*fora*)

Ó Leonor?

LEONOR

Dindinho chama-me. Com sua licença. (*Saindo*) Senhor?

CENA IV

Dona Maria, só.

DONA MARIA

Pois será possível que eu não ache marido? Eu, que tenho quarenta apólices da dívida pública e uma casa assobradada na vila, afora o que ainda pode vir da minha irmã das Laranjeiras? A pretexto de mudar de ares, vim passar quinze dias na fazenda, com olho no tenente-coronel; mas qual! o diabo do homem pensa tanto em casar como eu em ficar solteira. Vou atirar o anzol ao filho! é um bonito rapaz e daqui a alguns tempos está senhor doutor! Há de ser um gosto! Não hei de faltar aos

bailes, espetáculos, consertos, touradas, corridas e regatas!... Regatas, então! Não sei o que é, nunca vi... mas parece-me que hei de ser muito regateira. — Vou escrever a minha irmã das Laranjeiras. (*Vai saindo; entra o Doutor Pinheiro*) Oh! Senhor Doutor Pinheirinho! Já... tão cedo?...

CENA V

Dona Maria, o Doutor Pinheiro.

O DOUTOR (*em traje de montar*)

Tem passado bem, minha senhora? (*Aperta a mão de Dona Maria*)

DONA MARIA

Não... não... Muito nervosa... muito agitada... E o senhor? Está pálido! Sucedeu-lhe alguma coisa?

O DOUTOR

Sucedeu.

DONA MARIA

Sim? o que foi?

O DOUTOR

Faça o favor de ouvir, e, como já não é criança... e deve ter alguma experiência.

DONA MARIA

Pouco mais velha serei do que o senhor... Mas, enfim...

O DOUTOR

Mas enfim, há de dar-me um bom conselho talvez... Queira sentar-se... (*Sentam-se*) Poucos dias antes de ser nomeado juiz municipal deste termo, caí em prometer casamento à filha de um empregado público, na corte.

DONA MARIA

Deveras? (*À parte*) Que coincidência?

O DOUTOR

Faça a senhora ideia de que acabo de receber uma carta desse respeitável chefe de família.

DONA MARIA

Sim?

O DOUTOR (*dando-lhe uma carta*)

Leia.

DONA MARIA

Com sua licença. (*Lendo*) “Doutor, como tenho de ir até essa vila, tratar de negócios relativos ao futuro da minha filha, peço-lhe que me dê em sua casa hospedagem por dois ou três dias. De seu amigo, Passos Pereira.” (*Restituindo a carta*) Está visto que o tal Passos Pereira vem buscar o cumprimento da promessa.

O DOUTOR

Mas ele nada sabia.

DONA MARIA

A filha provavelmente disse-lho. E razão teve ela! É um meio como outro qualquer e pôr um noivo no seguro. E os noivos são tão raros, meu rico senhor doutor! Isto é: raros para umas... para outras não... Olhe, eu creio que estou resolvida...

O DOUTOR (*erguendo-se*)

A casar?

DONA MARIA (*com indiferença*)

A casar... Instam tanto comigo! O pretendente não lhe é estranho...

O DOUTOR

A mim? (*Sentando-se de novo*) Mas, vamos! o que me aconselha, Senhora Dona Maria? Eu não desgosto de Francelina...

DONA MARIA

Francelina? Ah! É a filha do empregado público...

O DOUTOR

Não desgosto dela... Oh! mas depois que vi Leonor...

DONA MARIA (*à parte*)
Tal e qual como a outra!

O DOUTOR
Oh! Leonor! (*Ergue-se, bem como Dona Maria*)

RONDÓ

Ai, que o teu rosto sereno
Enfeitiçou-me, Leonor!
Meu coração é pequeno,
Pequeno pra tanto amor!
Meus olhos por teus encantos
Enfeitiçados estão;
Eles são tais e tantos,
Que quase perco a razão!
A pobre mãe, que perdeste,
Amor te devera ter,
Porém mais forte do qu'este
Não to pudera of'recer.
Anjo de amor, adorado
Mais do que os anjos o são,
Ver-me contigo casado
É toda minha ambição.
Se num momento maldito,
Por outra o peito me arfou,
O dito dou por não dito,
Pois só teu... só teu... teu sou!
Ai, que o teu rosto sereno
Enfeitiçou-me Leonor!
Meu coração é pequeno,
Pequeno pra tanto amor.

Mas, afinal de contas, o que me aconselha, Senhora Dona Maria?

DONA MARIA
Eu lhe digo... (*Entra o tenente-coronel*)

CENA VI

Dona Maria, o Doutor, o tenente-coronel, depois um negro.

O TENENTE-CORONEL

Ora viva, doutor; estava aí? *(Aperta-lhe a mão. Cumprimentam-se)* Veio a propósito; tenho que lhe falar em particular.

DONA MARIA *(fazendo uma mesura)*

Visto isso, Senhor tenente-coronel!...

O TENENTE-CORONEL

São duas palavrinhas só. *(Dona Maria vai saindo. Entra um negro escravo com uma bandeja cheia de xícaras de café e açucareiro)*

DONA MARIA

Está aí o café. *(Serve-se de uma xícara, tempera e sai. Enquanto sai, à parte)* O que não me faz conta é que se desmanche o casamento com a Leonor. Quero o Frederico livre e desembaraçado. *(Desaparece. Durante o aparte, o negro tem-se aproximado dos dois, que se servem. O negro sai)*

CENA VII

O Doutor, o tenente-coronel.

O TENENTE-CORONEL

Tanto paga de pé como sentado. *(Senta-se. Cena muda. Sorvem o café. O tenente-coronel deita os pés no pires, e esfria-o, soprando. Ao Doutor:)* Está bom de açúcar?

O DOUTOR

Muito bom.

O TENENTE-CORONEL

Deste, aposto que não se toma na corte.

O DOUTOR

Qual! Nem no Beco das Cancelas! *(Vai colocar as xícaras sobre o parapeito e volta a sentar-se. À parte)* Onde vai tocar sei eu...

O TENENTE-CORONEL (*solenemente*)

Senhor Doutor Pinheirinho... ou por outra: Senhor Doutor Pinheiro... O meu compadre Chico Barbosa... ou por outra Francisco Barbosa... (*Pausa*) morreu há dezesseis anos...

O DOUTOR (*à parte*)

É o que eu digo...

O TENENTE-CORONEL

Deixou mulher e uma pequenita deste tamanho... A pequenita, porque a mulher... (*Indica o tamanho*) A mulher pouco tempo sobreviveu ao dito meu compadre, e a pequenita, que é a Leonor, confiou-me a viúva poucos momentos antes de morrer... Sou seu padrinho e tutor... A pequenita cresceu... Vossa senhoria gostou dela; ela gostou de vossa senhoria... (*Com resolução*) O que eu desejo saber, senhor doutor, é se esta letra está ou não está vencida!

O DOUTOR (*à parte*)

O que dizia eu? (*Alto*) É justo, Senhor tenente-coronel, e eu...

O TENENTE-CORONEL

Ah, meu tempo! meu tempo! Em 1840, quando um rapaz deitava os olhos numa rapariga, a primeira coisa que lhe perguntava era: — Quer casar comigo? E se a rapariga respondia: — Quero, sim, senhor, — lá ia ele direitinho aos pais; e não se lhe dava dez meses para tratarem...

O DOUTOR

Do casamento?

O TENENTE-CORONEL

Nada: do batizado. Hoje a coisa é outra! Dois anos para namorar... Para namorar? Que digo eu!... para... estudar o carácter da noiva... Leva um estafermo pesgado no vão de uma janela com a namorada, a dizer-lhe toleimas de toda a espécie... O que está fazendo? Estudando o carácter... Pervertendo-o, talvez! Verdade seja que isto hoje é uma necessidade... Em 1840, *oh! tempora, oh! mores* oh! assombrosa versatilidade dos anos! Como dizia o Padre Antônio Vieira, os caracteres eram todos um, porque a educação era outra, e uma... Mas, como ia dizendo, dois anos para isto,

um ano para preparar o enxoval, seis meses para tratar dos papéis, etc., etc., quando chega uma senhora a casar, já tem idade para criar pintos!

O DOUTOR (*erguendo-se*)

Senhor tenente-coronel, peço-lhe a mão de Dona Leonor em casamento.

O TENENTE-CORONEL (*erguendo-se*)

Isso! Anda mão, enfia dedo. 1840 no caso! Deixe-me chamar a pequena.

CENA VIII

O Doutor, o tenente-coronel, depois Leonor.

TERCETO

O TENENTE-CORONEL

Leonor! Leonor!

LEONOR (*entrando*)

Senhor! Senhor!

(*Cumprimentando*)

Senhor Doutor...

O DOUTOR (*idem*)

Minha senhora... (*À parte*)

Como ela está encantadora!

O TENENTE-CORONEL (*solene*)

Minha afilhada e pupila,

O Doutor, neste momento,

Vai pedir em casamento

A tua mão.

LEONOR

A minha mão?

O DOUTOR

A sua mão. (*À parte*)

Parece que ela vacila...

O TENENTE-CORONEL
Por isso quero que digas
Se sim ou não.

LEONOR
Se sim ou não?

O DOUTOR
Se sim ou não...

O TENENTE-CORONEL
Em quarenta as raparigas
Diziam logo que sim!
No meu tempo isto era assim!

OS TRÊS
No meu tempo era assim!
No seu tempo era assim!

O TENENTE-CORONEL
Então? que dizes, menina?...
Diz qualquer coisa, sinhá!

O DOUTOR (*à parte*)
O que dirá Francelina?

LEONOR (*à parte*)
Frederico o que dirá?
(*Depois de alguns momentos de hesitação*)
Eu considero bem feito
o que dindinho fizer.

O TENENTE-CORONEL
Aceitas, então?

LEONOR (*com pequeno esforço*)
Aceito...

O DOUTOR (*enlaçando-a*)
Queres ser minha mulher?
Queres ser, Leonor divina?

LEONOR (*resoluta*)
Quero, sim ora aqui está!

O DOUTOR (*à parte*)
O que dirá Francelina?

LEONOR (*à parte*)
Frederico, o que dirá?

(*Juntos*)

O DOUTOR
Um noivo com duas noivas
Oh! que triste posição!
Se aparece o pai da outra,
Vamos ter complicação.

LEONOR
Uma noiva com dois noivos!
Oh! que triste posição!
Se aparece o Frederico,
Vamos ter complicação.

O TENENTE-CORONEL
A pequena já tem noivo!
Que grande satisfação!
Tenho vencida uma letra!
Que prazer e que alegrão!
'Stá dito então?

O DOUTOR
Gostas de mim?

LEONOR
Gosto, pois não!

O DOUTOR
Prazer sem fim!

O TENENTE-CORONEL
No meu tempo era assim!

OS TRÊS

No meu tempo era assim!

(Terminado o terceto, aparece ao fundo, no campo, Passos Pereira acompanhado por um pajem, que aponta para o Doutor e desaparece. Passos Pereira bate palmas)

O TENENTE-CORONEL *(ouvindo bater)*

Quem nos honra?

PASSOS PEREIRA

Um criado.

O DOUTOR *(reconhecendo-o, à parte)*

O Passos Pereira! Estou perdido!

O TENENTE-CORONEL

Faça o favor de entrar!

CENA IX

O Doutor, o tenente-coronel, Leonor, Passos Pereira, depois Francelina, depois um pajem.

PASSOS PEREIRA *(entrando)*

Queria dar duas palavrinhas ao Senhor Doutor Pinheiro.

O DOUTOR

Senhor Passos Pereira! *(Abraçam-se)* Recebi hoje a sua cartinha, mas só o esperava amanhã. Apresento-lhe o Senhor tenente-coronel João Leopoldo e sua afilhada, a senhora Dona Leonor. *(Passando pelo tenente-coronel, rapidamente e baixinho)* Não lhe diga nada.

O TENENTE-CORONEL *(apertando a mão de Passos Pereira)*

Folgo de conhecê-lo.

PASSOS PEREIRA

Igualmente.

O TENENTE-CORONEL (*à parte*)

O Doutor não quer que se saiba. Ah! 1840!...

PASSOS PEREIRA

Minha senhora... (*Mesura de Leonor*) Fomos à sua casa na vila. A sua criada disse-nos que o encontraríamos aqui. Como era perto, viemos. O senhor sabe que sou o homem dos expedientes; arranjei logo três animais.

O DOUTOR

Três animais! Pois o senhor não veio só?

PASSOS PEREIRA

É verdade, ainda não lhes disse: vimos eu, minha filha e um pajem.
(*Movimento do Doutor*)

O TENENTE-CORONEL

E a senhora sua filha ficou lá fora? Pelo amor de Deus! (*Sobe ao fundo*)

PASSOS PEREIRA (*subindo*)

Ela aí vem.

FRANCELINA (*aparecendo com o pajem, que fica ao fundo*)

Aqui estou, papai.

O DOUTOR (*à parte*)

Ela! Oh! meu Deus! Estou suando frio!

PASSOS PEREIRA

Vê quem está cá, minha filha: O Doutor Pinheiro.

FRANCELINA

Ah!

O DOUTOR (*embaraçado, sem encará-la*)

Minha senhora...

FRANCELINA (*da mesma forma*)

Senhor doutor...

PASSOS PEREIRA

Minha filha, Senhor tenente-coronel...

O TENENTE-CORONEL

Estimo conhecê-la, minha senhora; esteja a seu gosto. (*Francelina dirige-se a Leonor, beijam-se e depois conversam baixinho*) Com licença... vou dar algumas ordens... Não façam cerimônias, hein?

PASSOS PEREIRA

Deixei as cerimônias na corte; ando farto delas.

O TENENTE-CORONEL

Assim é que eu gosto que me falem!... (*Saindo a gritar*) Ó Tomásia! Ó Tomásia!... (*Sai*)

CENA X

O Doutor, Passos Pereira. Leonor, Francelina.

O DOUTOR (*à parte*)

Estou metido em boa.

PASSOS PEREIRA (*ao Doutor, enquanto Francelina e Leonor sentam-se à direita*)

Minha mulher não me deixou sair da corte sozinho. O senhor compreende... o ciúme... Foi preciso que a menina viesse. Quando cheguei à vila e me disseram que o senhor estava nesta fazenda, estimei... Fazia-me conta chegar até aqui, e era perto... Diga-me uma coisa: este tenente-coronel fala francês? (*O Doutor está visivelmente perturbado*) Deve estranhar esta pergunta... Mas o que quer? Um pai! O senhor compreende... Logo falaremos... temos tempo! (*Vai ter com Leonor e a filha, e conversa com elas*)

O DOUTOR (*à parte*)

Estou bem arranjadinho... O homem sabe de tudo... É capaz de meter-me o petrópolis, e razão tem ele! Ora esta! (*Passeia agitado*) E Francelina

conversando com Leonor! Jesus! Continuo a suar frio! (*Continua a passear; tenta aproximar-se do grupo dos três, mas não se atreve*)

PASSOS PEREIRA (*aproximando-se dele*)

Diga-me cá: há hotel na vila? Eu tencionava ir para sua casa, mas com a menina... já agora... o senhor compreende... não é possível!

CENA XI

O Doutor, Leonor, Passos Pereira, Francelina, o tenente-coronel, um pajem.

O TENENTE-CORONEL (*entrando*)

Hotel!... Quem é que fala aqui em hotel?... O senhor fica em nossa casa com a senhora sua filha! Os amigos do Doutor Pinheirinho meus amigos são! Temos acomodações para todos. (*Ao pajem que fica ao fundo*) Ó rapaz! leva os animais para a vila e traze as malas de teu senhor.

PASSOS PEREIRA

É uma malinha só... ficou em casa do Doutor Pinheiro. (*O pajem sai*) Não sei como agradecer-lhe, Senhor tenente-coronel... O senhor é um homem que compreende as necessidades da gente!

O TENENTE-CORONEL

Hão de passar mal estes dias, mas não morrerão à fome.

PASSOS PEREIRA (*baixo ao Doutor*)

Então, o tenente-coronel é seu amigo, hein? Muito bem... muito bem!

O DOUTOR (*à parte*)

O homem está danado!

PASSOS PEREIRA (*ao tenente-coronel*)

O senhor não contava com esta maçada, hein?

O TENENTE-CORONEL

Maçada nenhuma! Comida sobra sempre; os quartos dos hóspedes estão preparados; maçada de quê?

FRANCELINA (*continuando uma conversa com Leonor*)

Logo que voltar, hei de mandar-lhe o figurino.

PASSOS PEREIRA (*à filha*)

Menina, sabes que vamos ficar aqui em casa do Senhor tenente-coronel?

LEONOR

Aqui? Muito bem...

CENA XII

O Doutor, Leonor, Passos Pereira, Francelina, o tenente-coronel, Dona Maria, depois o negro.

(Dona Maria entra gravemente, cumprimentando os recém-chegados com grandes mesuras. O tenente-coronel apresenta-a)

O TENENTE-CORONEL

A senhora Dona Maria de Vasconcelos, visita de nossa casa.

(Cumprimentos. Dona Maria troca um olhar de inteligência com o Doutor Pinheiro, fazendo uma grande mesura a Passos Pereira)

PASSOS PEREIRA

Minha senhora.

O TENENTE-CORONEL (*levando Francelina pela mão*)

A filha do Senhor Passos Pereira, a Senhora Dona...

FRANCELINA

Uma sua criada.

(Dona Maria beija-a e troca outro olhar significativo com o Doutor Pinheiro)

O TENENTE-CORONEL

Ora muito bem! Mas por que não se sentam? (*Puxa cadeiras. Tomam lugares. Longa pausa*)

DONA MARIA (*desabridamente, a Passos Pereira*)

O senhor conhece por lá minha irmã das Laranjeiras?

PASSOS PEREIRA

Não, minha senhora; a nossa casa é na Rua Larga de São Joaquim.

DONA MARIA

Ela é muito conhecida lá na corte.

PASSOS PEREIRA

A Rua Larga?

DONA MARIA

Minha irmã.

PASSOS PEREIRA

Não tenho a honra de conhecê-la... (*À parte*) O Pinheiro evita o meu olhar... Estará zangado comigo?

O DOUTOR (*à parte*)

Francelina está desesperada! Se os seus olhos se encontram com os meus, desvia logo o rosto.

FRANCELINA (*à parte*)

O Pinheiro já sabe de tudo... Nem me encara...

LEONOR (*julgando que Francelina fala com ela*)

Senhora?

FRANCELINA

Nada.

O TENENTE-CORONEL

Então? Digam alguma coisa! Estão todos tão calados!

(*Os personagens formam, sentados, um grupo, ao capricho do ensaiador*)

SEXTETO

O TENENTE-CORONEL (*a Passos Pereira*)

O que há de novo na cidade?

O ministérios cai ou não?

PASSOS PEREIRA

Se quer que lhe fale a verdade,
nem os ministros sei quem são.
Sou empregado público,
sou empregado velho;
Porém nunca em política
Meti o bedelho.

DONA MARIA

O tenente-coronel
É o contrário, Senhor!

FRANCELINA (*à parte*)

Já não me encara o Doutor...

O DOUTOR (*à parte*)

Estou fazendo um papel...

O TENENTE-CORONEL

Sou destemido!
Sou decidido!
Sou do Partido
Conservador!

TODOS

É destemido!
É decidido!
É do Partido
Conservador!

O TENENTE-CORONEL

Eu sou danado,
Desabusado
Sou respeitado
Nas eleições!
É por tamanho
Ser o arreganho

Que sempre apanho
Meus pescoções!

PASSOS PEREIRA
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

LEONOR (*à Parte*)
Estranho
O Doutor:
Tamanho
Palor
Não é natural.

PASSOS PEREIRA
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

O DOUTOR (*à parte*)
O Passos ri-se: é bom sinal.

PASSOS PEREIRA
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

(Ergue-se, rindo tanto, que Os outros erguem-se também e vão se aproximando num crescendo de gargalhadas)

TODOS
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

PASSOS PEREIRA
Ai, sempre ganha
Seus pescoções,
Quando se apanha
Nas eleições!

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

LEONOR (*timidamente*)
Doutor, zangado está comigo?

O DOUTOR

Por que me faz pergunta tal?

LEONOR

Por que me foges, ó meu amigo?

PASSOS PEREIRA

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

O DOUTOR (*à parte*)

O Passos ri-se: é bom sinal...

CONCERTO

FRANCELINA (*à parte*)

Dar-se-á caso que o Doutor,
Por despeito, por despeito,
Finja ter sincero amor
À matuta da Leonor?

PASSOS PEREIRA (*à parte*)

Quero apanhar o Doutor
Muito a jeito, muito a jeito;
Pai que muito bom pai for
Deve ser indagador.

LEONOR (*à parte*)

Não me procura o Doutor!
Já suspeito, já suspeito,
Que me perdeu todo o amor
Que me tinha com fervor

O TENENTE-CORONEL (*à parte*)

Que silêncio em derredor!
Não tem jeito, não tem jeito!
Tão calado está, doutor!
Diga lá, seja o que for!

DONA MARIA (*à parte*)

Que diabruras faz amor!
Mas, com jeito... mas, com jeito
Deve-se sair-se o Doutor
Disto; seja como for.

O DOUTOR (*à parte*)

Já estou banhado em suor!
Mas, com jeito... mas, com jeito...
Hei de, seja como for,
Sair disto pra melhor.

O NEGRO (*entrando depois do forte com que termina o concerto*)

Canjica tá na mesa. (*Sai o negro. A orquestra conserva alguns compassos de música até, o canto seguinte*)

O TENENTE-CORONEL

Vamos à canjica!

O DOUTOR (*oferecendo o braço a Leonor*)
O seu braço? (*Vivamente a Francelina, que olha para ele*) O seu braço? (*Dá o braço a ambas*)

O TENENTE-CORONEL
Eu rompo a marcha! (*Vai saindo, na frente do Doutor, Leonor e Francelina*)

PASSOS PEREIRA (*a Dona Maria*)
O seu braço, minha senhora?

DONA MARIA (*dando-lhe o braço*)
Agradecida. (*À parte*)
Este Passos será viúvo?

PASSOS PEREIRA
Vamos!

DONA MARIA
Que pena o senhor não conhecer minha irmã das Laranjeiras!

(*A Cena fica vazia por alguns momentos. O fundo escurece completamente*)

CENA XIII

Frederico, depois Raimundo.

(*Frederico entrando pelo fundo. Vestuário de montar*)

RECITATIVO

Eis-me, afinal, em casa de meu pai!
Em júbilo nadar tudo aqui vai!

COPLAS

I

Não quis esperar as férias,
Mais tempo esperar não quis;

Promessas não são pilhérias,
E então daquelas que eu fiz!
O prometido
Diz que é devido;
Rifão sagaz;
Quero com jeito,
Mas com respeito,
Voltar atrás...

II

Promessa de casamento
Eu fiz à linda Leonor!
Maldito seja o momento
Em que jurei ter-lhe amor!
Pois tal promessa
Muito depressa
Roubou-me a paz;
Quero com jeito,
Mas com respeito,
Voltar atrás!

Mas onde ficou Raimundo? (*Indo ao fundo*) Raimundo!... Raimundo!... por aqui!

(*Entra Raimundo. È gago, míope, pernetta, muito feio e veste exageradamente à última moda*)

RAIMUNDO

Cá... cá... estou... Já me arrependi de ter vindo pas... passar uns dias em ca... casa de... de teu pai. Este lugar é... muito feio! É im... impossível que aqui se pos... possa arranjar um bom ca... ca... casamento!

FREDERICO

Ah! maganão! Você anda à procura de um bom casamento, hein?

RAIMUNDO

Não com... compreendo que se venha à... à... roça para outra coi... coisa!

FREDERICO

Não perca as esperanças!

RAIMUNDO

Mas onde está teu... teu pai? Que... fi... filho é este que em vez de... de... procurar a fa... fa... família, põe-se a ta... a taga... a tagarelar na sala?

FREDERICO

Estou com um receio enorme de apresentar-me. Vê que não me animei a vir sozinho!

RAIMUNDO

Ora... ora essa! Por quê?

FREDERICO

Por quê? Vem cá... (*Sentam-se*) Trata-se mesmo de casamento. Ouve e dá-me um conselho...

RAIMUNDO (*admirado*)

Um con... conselho!... (*Erguendo-se e apertando-lhe a mão com efusão*) Obri... Obridado! mui... muito o... obrigado!

FREDERICO (*admirado*)

Por quê?

RAIMUNDO (*modestamente*)

É a primeira vez que... que me pedem um con... conselho... (*Senta-se*) Vam... vamos lá!

FREDERICO

Antes de sair de cá, prometi, sob palavra de honra, casamento a Leonor.

RAIMUNDO

Quem... quem é?

FREDERICO

A afilhada de meu pai.

RAIMUNDO

Ah!

FREDERICO

Estimava-a muito; no entanto...

RAIMUNDO

No entanto, viste a fi... a filha do Pas... Pas... Passos Pe... Pe... Pereira e...

FREDERICO

E fiz-lhe a mesma promessa.

RAIMUNDO

Também sob pa... pa... pa...

FREDERICO

Sim! Também sob pa... palavra de honra! — O que me aconselhas tu?...

RAIMUNDO

Eu te... te digo. (*Reflete*) Qual de... delas é mais... mais?... (*Faz sinal de dinheiro*) Ca... casa-te com a mais ri... rica!

FREDERICO (*erguendo-se*)

Ora! Também a que porta fui bater!

RAIMUNDO

E se ambas o... o forem... le... leva-as pa... pa... para a Turquia e ca... ca... casa-te com ambas! (*Ergue-se*)

FREDERICO

Meu Deus! como hei de aparecer a Leonor? Como hei de voltar atrás?

O TENENTE-CORONEL (*fora*)

O que estás dizendo, negro, Frederico está aí?

FREDERICO

Ah! aí vem... Jesus! Está gente de fora!

CENA XIV

Frederico, Raimundo, o tenente-coronel, depois Passos Pereira, Dona Maria, depois o Doutor, Francelina, Leonor, depois os escravos.

O TENENTE-CORONEL (*entrando*)

Meu filho! (*Dá-lhe a benção. Abraçam-se*) Que agradável surpresa!
(*Correndo ao fundo*) José! Matias! Simplício! Já um jongo aqui na varanda,
que sinhô moço chegou!

PASSOS PEREIRA (*entrando com Dona Maria*)

Senhor Frederico...

FREDERICO (*pasmo*)

Ah! (*Vendo entrar Francelina*) Oh!

LEONOR, FRANCELINA (*à parte*)

Ele! (*Deixam vivamente o braço do Doutor*)

FREDERICO (*à parte*)

Nem Leonor, nem Francelina olham para mim! Já sabem de tudo!

LEONOR, FRANCELINA (*à parte*)

Ele nada ignora!

O TENENTE-CORONEL (*voltando e dando com Raimundo*)

Oh! (*Ao filho*) É também estudante?

RAIMUNDO

Sim... sim senhor...

DONA MARIA (*à parte*)

Em que ano está?

RAIMUNDO

No pri... no primeiro!

O TENENTE-CORONEL, DONA MARIA, PASSOS PEREIRA

Oh!

RAIMUNDO

Há mui... muito tempo. Pa... para bem dizer, es... estou no... no quinto.

O TENENTE-CORONEL

Meu filho, apresento-te... Ah! aí vêm os negros! Ficam as apresentações para depois! Comece o jongo!

(Final)

TODOS

O jongo! O jongo!

O TENENTE-CORONEL *(a Frederico)*

Senta-te ali. *(A Passos Pereira)*

O senhor aqui *(A Francelina)*

Fique aqui com Leonor *(A Dona Maria)*

A senhora aqui

Ao pé de mi.

(Grupo estão todos sentados nos lugares indicados pelo tenente-coronel)

LEONOR, O DOUTOR, FRANCELINA, FREDERICO *(à parte)*

Que amargo instante!

Que situação!

Olhar para ele

Olhar para ela

Não ousa não!

(Entrada ruidosa do Coro de escravos e escravas que, depois de mesuras aos primeiros compassos do jongo, entoam-no dançando durante o canto)

JONGO

Trabaia, negro, trabaia

Na roça do teu sinhô

(Com um movimento de braços e ombros)

Um... um... um...

Passarinho já não canta;

O só não tarda a se pô!

Um... um... um... um...

Dá-lhe de enxada,
Panha café;
De teu *trabaio*
Não *reda* pé!
Trabaiadô
Trabaia, negro
Pro teu *sinhô*!

(*No fim do canto*)
Viva *sinhô moço*!

TODOS (*erguem-se e respondem*)
Viva!

ATO II

Sala e visitas na fazenda do tenente-coronel. Piano. Móvelia modesta, mas decente. Iluminação. Sarau.

CENA I

Frederico, Dona Maria, Raimundo, Francelina, o tenente-coronel, Leonor, o Doutor, Passos Pereira, o mestre-escola, o vigário, convidados de ambos os sexos, depois um negro.

(*Ao levantar o pano, quatro músicos estão sentados a um lado, tocando. Entre eles o mestre-escola e o vigário: este toca violão, aquele rabeca. Dança-se uma quinta contradança ruidosa. Frederico dança com Dona Maria, que se requebra comicamente. São vis-à-vis de Raimundo, que dança com Francelina. O tenente-coronel dança com a afilhada: é vis-à-vis do Doutor, que dança com uma moça qualquer. Passos Pereira dança também com uma figurante. Raimundo é mestre-sala e grita as marcas da contradança, gaguejando sempre*)

CORO (*durante a contradança*)
Nós hoje às mil maravilhas
Vamos decerto passar!
Valsas, polcas e quadrilhas
Vamos dançar!
Brincar

Folgar

(Num momento dado, Raimundo bate palmas: finda a contradança. Uns cavalheiros oferecem cadeiras a seus pares. Outros saem de braço dado. Alguns pares passeiam)

RAIMUNDO *(a Frederico)*

Parabéns, Frederico... é um... um baile di... digno de ti. *(Senta o seu par e vai conversar com o mestre-escola)*

FREDERICO *(passeando com Dona Maria)*

É singular! Nem Leonor nem Francelina me encaram!

O DOUTOR *(sentando o seu par)*

É célebre! Nem Francelina nem Leonor olham para mim!

LEONOR *(sentando-se junta de Francelina)*

O Doutor não veio sentar-se ao pé de mim!

FRANCELINA *(à parte)*

Frederico não se chegou ainda para o meu lado!

OS QUATRO *(à parte)*

Já sabe de tudo!

DONA MARIA *(a seu par)*

Vamos dar um giro lá fora, Senhor Frederico?

FREDERICO

Pois não, minha senhora!

DONA MARIA

Ai, Senhor Frederico!

FREDERICO

Por quem suspira, minha senhora?

DONA MARIA

Não sei, Senhor Frederico, não sei...

FREDERICO

Julguei que fosse por sua irmã das Laranjeiras. (*Saem*)

RAIMUNDO (*continuando uma conversa com o mestre-escola*)

É por quan... quantos a... alunos é frequenta... da a sua es... esco... escola?

O MESTRE-ESCOLA

Eu tenho uns vinte *aluno*... estão todos *adiantado*... No ano passado, cinco fez exame... *Os pai* estão *satisfeito*.

RAIMUNDO (*à parte*)

Os... os ss é que... não devem es... estar.

O MESTRE-ESCOLA

Eu ensino gramática, doutrina cristão e música. Eu há de *ensiná* francês, mas porém, *premeiro é perciso aprendê*. (*Continuam a conversar baixo*)

O VIGÁRIO (*continuando uma conversa com o tenente-coronel, de quem se tem aproximado*)

Está enganado, tenente-coronel! Está muito enganado. O João Cobó vota com o Raposo!

O TENENTE-CORONEL

Não vota, seu vigário, não vota! Quer Vossa Reverendíssima dizer-me a mim o que é o João Cobó!

O VIGÁRIO

É um troca-tintas! Ainda me deve dez mil réis de uma encomendação... Desde que lhe morreu a sogra... E encomendações de sogra devem pagar-se dobrado.

(*Continuam a conversar*)

FRANCELINA (*continuando uma conversa com Leonor, ao pé da qual está sentada*)

É verdade... Imagine a senhora ter uma moça prometido casamento a dois rapazes e ver-se em presença de ambos!

LEONOR (*à parte*)

É uma indireta, não há dúvida... (*Alto*) mas...

(*Continuaram a conversar baixinho*)

O TENENTE-CORONEL (*deixando o vigário e indo ter com o Doutor*)

Então o que é isso, Doutor? Parece-me amuado!

O DOUTOR

Eu?! Pelo contrário, Senhor tenente-coronel... Eu... Ora que lembrança!

O TENENTE-CORONEL (*levando-o pela mão*)

Venha cá, homem de Deus, o seu lugar é aqui! (*Leva-o para junto de Leonor e fá-lo sentar-se ao lado dela. Depois vem à boca e canta a seguinte copla*)

COPLA

De um pai que o saiba ser, olé!
É grande a trabalhadeira!
Faz má figura e serve até
De pau-de-cabeleira!

(*Vai conversar outra vez com o vigário, que se tem ocupado em afinar o violão*)

PASSOS PEREIRA (*indo ao encontro de Frederico, que volta com Dona Maria*)

O senhor anda arredio! Vá conversar um pouco com a pequena, ande!
(*Toma-o pelo braço, deixando Dona Maria no meio da sala e fá-lo sentar-se junto de Francelina. Depois desce à boca da Cena e canta a meia voz a mesma copla cantada pelo tenente-coronel*)

COPLA

De um pai que o saiba ser, olé!
É grande a trabalhadeira!
Faz má figura e serve até
De pau-de-cabeleira!

(*Ao voltar-se, encontra Dona Maria, que lhe toma o braço*)

DONA MARIA

O seu braço? Vamos dar mais uma volta?

PASSOS PEREIRA

Pois não, minha senhora: é a vigésima que damos hoje.

DONA MARIA (*saindo com Passos Pereira, à parte*)

Este homem será viúvo?

(*Saem. Entra o negro com a bandeja de café*)

RAIMUNDO (*indo ao encontro do negro e distribuindo xícaras de café pelos circunstantes*)

Já tar... tardava! Já hoje to... tomei doze xícaras de ca... café. (*Tomando*) Não se vai a par... parte alguma em que... que não se... se tome café! Fui ontem fa... fazer a barba na vila... e o bar... barbeiro mandou-me um xí... xícara de ca... café pelo a... aprendiz!

O TENENTE-CORONEL (*sorvendo o seu no pires*)

O que vale é que este é superior, hein?

RAIMUNDO (*apreciando*)

Um... Torra... torradinho de fresco e... e... com manteiga...

(*Acabam todos de tomar café. O negro reúne as xícaras na bandeja e sai. Raimundo acende um cigarro. Os namorados estão sentados ao lado uns dos outros na seguinte ordem: Frederico, Leonor, Francelina, o Doutor: mas sem se falarem e olhando todos os quatro para o chão*)

O TENENTE-CORONEL (*que tem deixado o vigário*)

O Doutor não dá a palavra a Leonor! O que será aquilo. Preciso de uma explicação. (*A Raimundo*) Venha um cigarrinho dos seus.

RAIMUNDO (*dando-lhe o cigarro e depois o fogo*)

Pro... proponho um jo... jogo de... pren... prendas na... va... varanda! va... valeu?!

TODOS (*menos os namorados*)

Valeu! Vamos!

(O tenente-coronel dá o cigarro de Raimundo a Passos Pereira, que fuma maquinalmente. Saem todos, Raimundo em frente, menos o mestre-escola, o vigário e os namorados)

O MESTRE-ESCOLA (*indo ter com o vigário*)

Diga-me uma coisa, seu vigário? Vossa Reverendíssima pode me *dizê* duas *missa* depois de *amenhã*? (*Bate-lhe no ombro*)

O VIGÁRIO (*que tem estado a cochilar, abraçado ao violão, despertando e com ímpeto*)

Não vota, já lhes disse! João Cobó não vota, tenente-coronel! (*Ergue-se*)

O MESTRE-ESCOLA

Não é disso que nós *tratemo*. Quero duas *missa*!

O VIGÁRIO (*sem reparar com quem fala e saindo zangado*)

Não vota! É boa! Desde 68 que está com os liberais! Não faltava mais nada! (*Sai*)

O MESTRE-ESCOLA (*acompanhando-o*)

Não é disso que nós *tratemo*... Ó seu vigário! seu vigário! (*Sai*)

CENA II

O Doutor, Frederico, Leonor.

(Cena muda. Levam muito tempo sentados, olhando para o chão. De repente, Leonor, vendo que todos se têm retirado, levanta-se muito envergonhada e sai vivamente. Francelina imita-a. Ficam sós o Doutor e Frederico que, depois de se olharem por algum tempo, desatam numa gargalhada, retomando logo o seu sério, e como que censurando assim a gargalhada um do outro)

CENA III

O Doutor, Frederico.

AMBOS (*a um tempo*)

De que se ri? — Como? — Tivemos a mesma ideia. — Assim falarem os dois a um tempo não podemos compreender!

FREDERICO

De que se ri o Doutor?

O DOUTOR

Eu rio-me de mim próprio. E o senhor?

FREDERICO

Eu rio-me de mim mesmo.

O DOUTOR

Oh! mas o senhor não está na minha situação!

FREDERICO

Não sei; mas acredite que a minha situação é perfeitamente cômica.

O DOUTOR

Qual é a sua situação?

FREDERICO

Diga primeiramente qual é a sua.

O DOUTOR

Quero ceder-lhe a primazia.

FREDERICO

E eu.

O DOUTOR

Nesse caso, ouça...

(Entra o tenente-coronel)

CENA IV

O tenente-coronel, Frederico, o Doutor, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL

Oh! meu rico senhor Doutor Pinheirinho! Ainda bem que o encontro. (*O Doutor e Frederico erguem-se*) Meu filho, deixa-nos a sós por alguns momentos.

O DOUTOR (*à parte*) Ai, ai, ai!

FREDERICO (*saindo, à parte*)

Como hei de me sair desta alhada? (*Vai saindo e encontra Dona Maria, que vem entrando*)

DONA MARIA

Senhor Frederico, andava à procura do seu braço!

FREDERICO

Aqui o tem, minha senhora!

(*Saem ambos de braço dado*)

CENA V

O Doutor, o tenente-coronel, depois Passos Pereira, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL (*depois de alguma pausa, gravemente*)

Senhor Doutor Pinheirinho... ou por outro: Senhor Doutor Pinheiro... (*Pausa*) Sentemo-nos. (*Sentam-se*) O meu compadre Chico... ou por outra: Francis... eu creio que já lhe disse isto mesmo. (*Pausa*) Enfim, Senhor Doutor... Homem. Vossa senhoria é um homem formado, e eu nem no Congresso Agrícola falei... Dê o desconto... (*Em outro tom, escolhendo as palavras*) Sou pai, isto é, pai adotivo... É a mesma coisa! É mais! Um pai adotivo é pai e mãe. O Padre Antônio Vieira, no sermão de Nossa Senhora do Carmo, diz que os filhos naturais se amam porque são filhos, e os filhos adotivos são filhos porque se ama...

PASSOS PEREIRA (*entrando*)

Ó Senhor Doutor Pinheiro! Senhor Dout... (*Estacando*) Era segredo?

O TENENTE-CORONEL (*levantando-se*)

Não... não... falávamos...

O DOUTOR (*vivamente, erguendo-se*)
Do Padre Antônio Vieira.

O TENENTE-CORONEL (*à parte*)
Fica para outra vez.

PASSOS PEREIRA (*ao Doutor*)
Desejava falar-lhe em particular.

O DOUTOR (*à parte*)
Bom! Agora o outro!

O TENENTE-CORONEL
Deixo-os. (*Ao Doutor*) Logo falaremos. (*Vai saindo e encontra-se com Dona Maria, que vem entrando*)

DONA MARIA
Senhor tenente-coronel, andava à procura de seu braço!

O TENENTE-CORONEL
Aí o tem, Senhora Dona Maria!

DONA MARIA (*saindo de braço dado ao tenente-coronel, à parte*)
Por que não se quer casar este homem, meu Deus?

(*Saem*)

CENA VI

O Doutor, Passos Pereira, depois Raimundo, depois Dona Maria.

PASSOS PEREIRA
Senhor Doutor Pinheiro, o assunto é grave... Aqui tem uma cadeira.
Sentemo-nos.

(*Sentam-se*)

O DOUTOR (*à parte*)

Eu devo estar com uma cara...

PASSOS PEREIRA (*depois de uma grande meditação, rompendo desabridamente o que assusta o Doutor*)

O casamento, Senhor Doutor, é uma condição, por bem dizer, fatal da existência humana. Abalizados sociologistas... ou sociólogos, como queira... têm dado sobre a matéria a última palavra... Um pai educa uma filha, com todos os esmeros sugeridos pelo seu bom espírito e seu bom coração... Dói-lhe a alma de vê-la depois entregue a carinhos de outra espécie; mas, ah! — infelizmente têm que se submeter ao regime comum da sociedade... Mas essa submissão, Senhor Doutor, não pode, não deve ser inteiramente passiva... Tenho para mim que um pai, digno desse nome sublime, é obrigado a desenvolver tal ou qual atividade, no intuito de atenuar os maus caprichos que por ventura estejam reservados pelo destino a seus filhos. Concorda?

O DOUTOR

Inteiramente.

PASSOS PEREIRA (*à parte*)

Veio decorado de casa. (*Alto*) O senhor, quando for pai... (*Com certa autoridade,*) o que há de ser!

O DOUTOR (*à parte*)

Meu Deus!

PASSOS PEREIRA

O senhor, quando for pai, concordará melhor. — Pois bem, Senhor Doutor, eu não espero por informações: venho ao encontro delas! Por isso, aqui estou!

RAIMUNDO (*entrando e tomando o braço de Passos Pereira*)

Ó Se... Senhor Passos Pe... Pe... Pereira! as mo... moças mandaram cha... chamá-lo à va... varanda pa... para o jogo de pren... prendas.

PASSOS PEREIRA (*erguendo-se contrariado*)

Que jogo?

RAIMUNDO

O se... senhor ab... abade

O DOUTOR (*erguendo-se com interesse*)

Ah! Um chamado de senhoras! Não pode recusar! A conferência fica para depois.

PASSOS PEREIRA

Tem razão, tem razão. Logo mais falaremos! Vou já! (*Encontra-se com Dona Maria, que vem entrando*)

DONA MARIA

Senhor Passos Pereira, andava à procura de seu braço!

PASSOS PEREIRA

Está ao seu dispor, minha senhora.

DONA MARIA (*saindo de braço, com Passos Pereira, à parte*)

Ai! ai! Este homem será viúvo?

CENA VII

O Doutor, Raimundo.

RAIMUNDO

Tenho me re... rega... galado... de rir à custa do... do Fre... Frederico.

O DOUTOR

Por quê?

RAIMUNDO

Também quem... quem lhe... mandou prometer ca... casamento a duas?

O DOUTOR (*à parte*)

Este também já sabe!

RAIMUNDO

A le... levianda... de po... pode... perder um homem.

COPLAS

I

A gente faz o que deve,
Se um beijo de amor furtar,
Se um dedo apertar de leve,
Ou se um pezinho pisar.
A gente a mais se atreve,
Quando é grande ladino;
Mas o casório...
Ce... cebolório!
Fia mais fino!

II

Se meigos olhares bispo
Em ternos olhos assim...
Os meus escrúpulos dispo,
Cuidando logo de mim.
Eu nada mando ao bispo,
Pois sou grande ladino...
Mas o casório...
Ce... cebolório
Fia mais fino!

O DOUTOR

Já todos sabem aqui do meu ignóbil procedimento! Estou bem arranjado!

RAIMUNDO

Eu an... ando à pro... procura de... de... de um ca... casamento; mas creia que... que... pro... promes... sas não fa... faço sem ter cer... certeza de po... podê-las cumprir.

O DOUTOR

Mas quem lhe disse que prometi casamento a duas?

RAIMUNDO

O Dou... o... Doutor? O Fre... Fre...derico.

O DOUTOR

Foi o Frederico? Quem lhe diria a ele?

RAIMUNDO

A ele... o... o quê?

O DOUTOR

Quem lhe diria isso?

RAIMUNDO

Is... is... isso o quê? Tenha... pa... paciência! não sei se... se... se já no... notou... que... que... que sou um... pou... pouco ga... ga... gago!

O DOUTOR

Ora! não se pode conversar com o senhor!

RAIMUNDO

O se... senhor é que... que... atra... atrapa... pa... palha tudo!

CENA VIII

O Doutor, Raimundo, o tenente-coronel, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL (*ao Doutor*)

Podemos continuar a nossa conferência?

O DOUTOR

Pois não... pois não...

O TENENTE-CORONEL

Dá licença? Vá jogas as prendas... Quero dar duas palavrinhas ao Doutor.

RAIMUNDO

Ora... essa! (*Vai saindo; encontra Dona Maria*)

DONA MARIA

Andava à procura de seu braço.

RAIMUNDO

Oh!... oh!... mi... minha se... senhora!

DONA MARIA (*saindo de braço dado a Raimundo, à parte*)
Este, afinal de contas, à falta de outro...

(*Saem*)

CENA IX

O Doutor, o tenente-coronel, depois o vigário, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL

Senhor Doutor Pinheirinho... ou por outra: Senhor Doutor Pinheiro... sentemo-nos. (*Sentam-se*) Vossa senhoria pediu-me hoje em casamento a mão de minha afilhada e pupila Dona Leonor dos Santos Barbosa; eu, reconhecendo em vossa senhoria todas as qualidades desejáveis para um marido, anuí jubiloso ao pedido e...

O VIGÁRIO (*entrando, insuflado*)

Ó tenente-coronel, diga-me uma coisa: O Florentino não foi progressista em 64?

O TENENTE-CORONEL (*erguendo-se com interesse*)

Pois não! Pois não! progressista dos Quatro costados logo que apareceu em Mambucaba! gabava-se até da amizade particular do Zacarias... E quando vocês caíram em 68, passou para o nosso lado com armas e bagagens.

O VIGÁRIO

Então? (*Gritando para dentro*) Está ouvindo, comendador? Progressista em 64! Que homem teimoso! Quer-me dizer a mim quem é o Florentino!

O TENENTE-CORONEL

Pois não! Foi progressista e bem progressista!

O VIGÁRIO

Então? Eu quando digo... Obrigado, tenente-coronel. (*Vai saindo, encontra Dona Maria que vem entrando*)

DONA MARIA

Andava à procura do braço de Vossa Reverendíssima.

O VIGÁRIO

Pois não minha senhora. (*Dá-lhe o braço*)

DONA MARIA (*saindo com o vigário*)

Este não pode casar... É pena!... Toca tão bem violão.

CENA X

O Doutor, o tenente-coronel, depois o mestre-escola, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL

O Florentino é um vira-casaca! Quando cairmos, há de ver que passa para os liberais. A sua única virtude é ser danado nas eleições, mas também não me fio muito nisso, porque a arrogância nos robustos é maior que a valentia, como diz o Padre Vieira. (*Outro tom*) Senhor Doutor Pinheiro. (*Sentando-se*) Onde estávamos? Ah! (*Outro tom*) Eu reconhecendo em vossa senhoria todas as qualidades desejáveis em um marido, anuí ao pedido, depois de consultar minha pupila e afilhada. Ora, vendo que vossa senhoria, no mesmo dia em que foi tratado o seu casamento com ela, como que a evita e nem sequer a olha...

O MESTRE-ESCOLA (*entrando a correr e agarrando o Doutor*)

Seu Doutô! Seu Doutô!

O TENENTE-CORONEL (*erguendo-se*)

O que é isto?...

O MESTRE-ESCOLA

Como eu tinha *pagado* prenda no jogo do *senhô abade* me saiu e sentença *vi* *buscá seu Doutô Pinheirinho* e *levá ele* pra varanda.

O DOUTOR (*à parte*)

Felizmente. (*Ao tenente-coronel*) Já vê que não há remédio...

O TENENTE-CORONEL

Fica para outra vez!

O MESTRE-ESCOLA

Vamo, que eles lá dentro já está cansado de esperá.

O DOUTOR

Vamos! Vá adiante... Não é preciso agarrar-me! (*Sai o mestre-escola, dando um encontrão em Dona Maria. A Dona Maria:*) Já sei, minha senhora: anda à procura de meu braço. Aqui o tem! (*Dá-lhe o braço e sai com ela*)

CENA XI

O tenente-coronel.

O TENENTE-CORONEL

E nada de explicações! Quando vamos chegando a fala, somos interrompidos! No entanto, preciso... quero saber que explicação tem tudo isto! ah! uma pupila!

COPLAS

I

Resgata os nossos muitos pecados
Uma pupila do nosso amor;
Se um pai zeloso tem mil cuidados,
Os tem maiores um bom tutor.
Constantemente metido em danças,
Este, coitado, tem que se achar;
Ditos, motejos, desconfianças
Tem costas largas para aguentar.

II

Não tem vontades, não tem direitos,
Um desgraçado, pobre tutor;
Os seus afetos estão sujeitos
Ao juiz d'órfãos e ao curador.
E, todavia, queira ou não queira
Pai como aqueles que mais o são;
'Stou convencido que o Padre Vieira
Tinha, oh! se tinha! muita razão.

(Entram todas as senhoras, menos Francelina e Leonor, perseguidas pelos homens, que trazem à sua frente Raimundo. A música das coplas prende-se à do Coro)

CENA XII

O tenente-coronel, o Doutor, Frederico, Passos Pereira, Raimundo, o vigário, o mestre-escola, Dona Maria, convidados de ambos os sexos.

HOMENS *(empurrando Raimundo e perseguindo as senhoras)*

Há de beijá-las!

Há de abraçá-las!

Peça licença:

Cumpra a sentença!

AS SENHORAS *(fugindo)*

Não me beijará!

O quê! O quê!

Não vê! Não vê!

OS HOMENS

Há de abraças!

AS SENHORAS

Não me abraçará!

OS HOMENS

Há de beijar!

AS SENHORAS

Não há de beijar!

O TENENTE-CORONEL

Que bulha, ó Cristo!

Pra que gritar?

Expliquem-me isto,

Sem mais tardar!

RAIMUNDO

Vou lhe explicar...

O TENENTE-CORONEL

Tenha a bondade.

RAIMUNDO

No jogo do “senhor abade”

Mui... mui... mui... muitas prendas pago,

Porque sou gago;

Tive esta sentença,

Que procuro cumprir sem detença...

PASSOS PEREIRA

Abraçar

E beijar

As moças uma por uma,

Seja por bem ou por mal.

RAIMUNDO

Em cumprir sentença tal,

Não sinto re...

Não sinto re...

Não sinto repugnância alguma.

Olé!

CORO

Não sente re...

Não sente re...

Não sente repugnância alguma

Olé!

DONA MARIA

Os beijos abraços

Por todas terei!

Eu abro-lhe os braços:

Zangar-me não sei!

OS HOMENS

Não serve! Não serve!

Há de abraçá-las!
Peça licença:
Cumpra a sentença!

AS SENHORAS
Não me abraçaras! etc.

(Saem os homens perseguindo as senhoras. O Doutor, ao sair, é agarrado pelo fato pelo tenente-coronel)

CENA XIII

O tenente-coronel, o Doutor, depois Leonor, todos os personagens do ato, e alguns negros.

O TENENTE-CORONEL
Nada, senhor Doutor! Desta vez havemos de chegar à fala!

O DOUTOR *(à parte, resolutamente)*
Acabemos com isto. *(Alto)* Pois bem! sentemo-nos! *(Sentam-se)* Quero ser franco com o tenente-coronel.

LEONOR *(vindo do fundo à parte)*
Uma conferência? O que será?...

O DOUTOR
Senhor tenente-coronel, eu prometi casamento à filha do Passos Pereira...

LEONOR
Ah! *(Cai numa cadeira com um ataque de nervos)*

O TENENTE-CORONEL *(erguendo-se sobressaltado, bem como o Doutor)*
Meu Deus!... O que é isto! Minha filha! acudam!

(Entrada ruidosa de todos os personagens. Final)

CORO GERAL
Oh! céus! Oh! céus!
Que sucedeu!?

Valha-nos Deus!...
Que aconteceu?
O que terá
Dona Leonor?
Alguma dor
Será?!
O que lhe dói?
Que foi? Que foi?
Que aconteceu?!
Que sucedeu?!

O TENENTE-CORONEL (*desesperado ao pé da filha, que esperneia*)
Tragam vinagre! O caso é grave!
(*A um negro, dando-lhe uma chave*)
Trá-lo do armário: aí tens a chave!

(*Durante o Coro, o escravo volta com um galheteiro. O tenente-coronel dá a cheirar o vinagre a Leonor, que volta a si aos poucos. Enquanto todos estão ocupados com Leonor, Passos Pereira traz Frederico à boca da Cena; Francelina acompanha este movimento*)

PASSOS PEREIRA
A sua explicação deve ser dada já!

FREDERICO
Eu tudo explicarei!

FRANCELINA (*à parte*)
O que é que explicará?

FREDERICO
Prometi casamento a Leonor...

FRANCELINA
Ah!

(*Cai numa cadeira com um ataque de nervos. Desespero de Passos Pereira. Todas as atenções voltam-se para Francelina*)

CORO

Bonito! Bonito!
Agora é por cá!...
Mais um faniquito!
Contágio será?

PASSOS PEREIRA

Tragam vinagre. O caso é grave!

(O Negro tem já levado o galheteiro e restituído a chave ao tenente-coronel que lha entrega de novo)

O TENENTE-CORONEL

Trá-lo do armário: aí tens a chave.

(Durante o Coro, Francelina volta a si, aspirando o vinagre que o negro traz)

DOUTOR, FRANCELINA *(vindo ao proscênio)*

Perjuro, pérfido.
Que amei tanto,
Desprezo indômito
Mereces bem!
Meu Deus! num ápice
Quebrou-se o encanto
Ingrato, voto-te
Fero desdém!

O TENENTE-CORONEL

Que trapalhada!
Que confusão!
Pede a charada
Decifração!

JUNTOS

FREDERICO, O DOUTOR
'Stá despeitada
Pudera não!
De estar zangada

DONA MARIA
Realizada
Pudera não!
Verei, casada,

Tem bem razão

Minha ambição!

OS OUTROS E CORO

Que trapalhada!

Que confusão!

Pede a charada

Decifração!

O VIGÁRIO (*agarrando o violão com energia*)

Atenção

Prá que finde este zun-zum,

Vou cantar ao violão

Um buliçoso lundum

De minha composição!

TODOS

Venha a lundum!

(O vigário senta-se e afina o instrumento. Prestam-lhe todos muita atenção)

LUNDUM

I

O VIGÁRIO

Toda gente

Logo sente

Nos malditos

Faniquitos,

Diabruras,

Travessuras

De Cupido

Destemido!

Dorme em paz, meu coração

Ai!

Dorme em paz meu coração,

Que as Marocas

E Xandocas

E Bicotas

E Nicotas

Tiranas são,
ai, sim, tiranas são!

CORO

Que as Marocas
E Xandocas
E Bicotas
E Nicotas
Tiranas são,
ai, sim, tiranas são!

II

O VIGÁRIO

Namorados
Irritados
São amantes
São contantes,
Só desejo,
Quando os vejo
Copiá-los,
Imitá-los!
Dorme em paz, meu coração,
Ai!
Dorme em paz meu coração
Que as Marocas
E Xandocas
E Bicotas
E Nicotas
Tiranas são,
ai, sim, tiranas são!

(O Coro repete o estribilho e aplaude o cantor com ruidosa salva de palmas)

ATO III

Terreiro da fazenda; À esquerda, a casa com alpendre. Cerca e tranqueira aberta. Em perspectiva, a senzala e morros, com plantações de café. À direita uma grande árvore, à sombra da qual está um banco de jardim. Instrumentos

aratórios, etc. Ao levantar o pano a Cena está vazia. Ouve-se ao longe o Coro que termina o primeiro ato, que se supõe entoada pelos escravos no eito. Raimundo sai de casa.

CENA I

Raimundo, depois o tenente-coronel.

RAIMUNDO

Dor... dor... minhocos! Não sabem go... gozar a fres... fresca da manhã!
(*Sai pela tranqueira. Aparece o tenente-coronel da esquerda e grita para dentro*)

O TENENTE-CORONEL

Olá! ó moleque! não vês que a porta do chiqueiro está aberta, e que daqui a nada os porcos estão fossando na horta, excomungado! Vai fechar a cancela, moleque! E de caminho, muda aquela água da gamela, diabo! (O vigário tem entrado da direita)

CENA II

O tenente-coronel, o vigário.

O VIGÁRIO

Não fale do diabo, que é pecado!

O TENENTE-CORONEL

Olá, Reverendo... desculpe... Aquilo é uma gente danada! E então depois da lei de 28 de setembro! (*Apertando a mão do vigário*) Como vai essa católica? Eu estava à espera de Vossa Reverendíssima.

O VIGÁRIO

Estou às suas ordens. Não me fiz esperar. (*Senta-se no banco*)

O TENENTE-CORONEL

Desculpa o sacrifício que o obriguei a fazer.

O VIGÁRIO

Qual sacrifício! Eu gosto de levantar-me cedo e ver despontar a aurora.

O TENENTE-CORONEL

A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia dos ares, a vida e o alento do mundo, como diz o Padre Vieira.
— Mas vamos ao que serve.

O VIGÁRIO
Negócio político?

O TENENTE-CORONEL
Qual negócio político! Trata-se mesmo disso!

O VIGÁRIO
Recebeu jornais da corte?

O TENENTE-CORONEL
Recebi o *Jornal do Comércio* e o *Mequetrefe*, que traz o meu retrato.

O VIGÁRIO
Viu aquele artigo contra o Benício?

O TENENTE-CORONEL
Ah! sim... uma mofina...

O VIGÁRIO
Que tal achou?

O TENENTE-CORONEL
Passei os olhos... não li.

O VIGÁRIO
Não leu? (*tirando da algibeira um número do Jornal do Comércio*) Pois ouça... (*Lendo*) “O infeliz município de...”

O TENENTE-CORONEL (*interrompendo*)
Não! Agora não, Reverendíssimo. Não se trata de Benício. Tomei a liberdade de mandar chamá-lo para tratarmos de um assunto mais sério...

O VIGÁRIO
Mas...

O TENENTE-CORONEL

Demais, eu sou franco: não gosto de descomposturas anônimas... O homem deve dizer o que pensa sob sua imediata e absoluta responsabilidade... e de frente; isto de andar a insultar Os outros de máscara no rosto e a seis vinténs por linha, não me parece decente.

O VIGÁRIO

Pois você queria que eu, um vigário, assinasse isto?

O TENENTE-CORONEL

Ah! Perdão! eu não sabia que o artigo era de Vossa Reverendíssima.

O VIGÁRIO

É que não está ao fato da maroteira que o Benício praticou comigo! Pediu-me que protegesse a sua eleição, que me empenhasse com os nossos correligionários... fiz-lhe o que não se faz a um filho... Cheguei a ponto de pedir uma vez aos meus paroquianos, em uma prática depois da missa, que votassem nela! Bem! pilhas-me na corte... Escrevo-lhe uma carta pedindo um emprego para meu sobrinho Ezequiel, filho de meu irmão Custódio... um emprego no Correio para um primo de minha cunhada... um lugar na Estrada de Ferro para um parente, que é alferes honorário do Exército e tem serviços de campanha... que arranjasse na Instrução Pública...

O TENENTE-CORONEL

Vossa Reverendíssima pediu tanta coisa um só tempo!

O VIGÁRIO

Não o defenda, tenente-coronel, não o defenda. Aquilo é um cão! (*Levantando-se e querendo ler o artigo*) "O infeliz município de..."

O TENENTE-CORONEL (*tomando-lhe o jornal*)

Depois... depois... Deixemos por um momento a política e ouça!

O VIGÁRIO (*contrariado*)

Vamos lá... o que deseja você?

O TENENTE-CORONEL

Vossa Reverendíssima assistiu a todo aquele escândalo de ontem, não? Chamei-o para fazer o favor de dizer-me de tudo aquilo e ajudar-me com os seus conselhos;

O VIGÁRIO

Assisti, é verdade... mas não compreendi... Vi que sua afilhada teve um faniquito... que a filha do tal Passos Pereira teve outro... Entre parêntesis: Não simpatizo muito com o tal Pereira... Um sujeito sem opiniões políticas, homem! Não é cidadão brasileiro!

O TENENTE-CORONEL

E Vossa Reverendíssima a dar-lhe com a política!

O VIGÁRIO

Vi que entre seu filho, sua afilhada, a filha do Pereira e o Doutor Pinheirinho havia qualquer coisa... o que, aliás, foi notado por todos... mas, com franqueza, não pude perceber o que era!

O TENENTE-CORONEL

Nem eu. Era uma salsada que ninguém entendia... Mas o que me aconselha, padre-mestre? Vossa Reverendíssima compreende que é preciso tirar esse negócio a limpo.

O VIGÁRIO

Onde estão eles?

O TENENTE-CORONEL

Todos recolhidos ainda.

O VIGÁRIO

Reúna-os, e que se expliquem! É fácilimo! — Aí vem o homem sem opiniões políticas!

(Passos Pereira tem saído de casa)

CENA III

O tenente-coronel, o vigário, Passos Pereira.

PASSOS PEREIRA

Ora muito bom dia! O Senhor tenente-coronel madrugou! Já por cá, Reverendíssimo?

O VIGÁRIO (*apertando-lhe a mão*)

Como vê.

O TENENTE-CORONEL (*apertando a mão de Passos Pereira*)

Passou bem a noite?

PASSOS PEREIRA

Foi um sono só. (*À parte*) Não preguei olho... (*Alto*) E o senhor?

O TENENTE-CORONEL

Perfeitamente. (*À parte*) Passei a noite em claro)

PASSOS PEREIRA

O que me diz dos acontecimentos de ontem?

O TENENTE-CORONEL

Precisamos conversar a esse respeito.

O VIGÁRIO

Nesse caso, com sua licença... Ainda não se toma café cá por casa?

O TENENTE-CORONEL

Há que tempo! Entre. A Tomásia lá está para servi-lo. (*Gritando para casa*)

Ó Tomásia, serve aí o Senhor vigário!

O VIGÁRIO (*encaminhando-se para casa*)

De café, Tomásia, de café. — Até já. (*Sai*)

CENA IV

O tenente-coronel, Passos Pereira, depois Dona Maria.

PASSOS PEREIRA

Senhor tenente-coronel, minha filha teve a honra de ser pedida em casamento por seu filho.

O TENENTE-CORONEL

Deveras? E o maroto não me dizia nada!

PASSOS PEREIRA

Esta circunstância explica minha presença aqui... Vim tomar informações com o Doutor Pinheiro... O senhor também é pai, e compreende perfeitamente... *(Com ares de orador)* que a responsabilidade moral pelo futuro dos filhos pesa imediatamente sobre as costas desses novos Anteus, que se chamam pais.

O TENENTE-CORONEL

Apoiado! — Mas isso não justifica os faniquitos...

PASSOS PEREIRA

Definamos as situações, Senhor tenente-coronel, definamos as situações! Seu filho não dirige uma palavra à noiva... não se senta ao seu lado... não olha para ela... O que quer isto dizer?

O TENENTE-CORONEL

Não sei... mas é fácil sabê-lo... Há de ser tudo posto em trocos miúdos... Se meu filho prometeu casamento a sua filha, há de cumprir por força a sua palavra! por força! Vou mandar chamá-lo. *(Para o fundo)* Ó Simplício! vai lá dentro dizer a senhor moço que o espero aqui no terreiro. *(Um negro atravessa a Cena e entra na casa, donde sai algum tempo depois)*

PASSOS PEREIRA

Tenho andado apouquentadíssimo... Quero muito bem a esta menina... O senhor compreende... A pobrezinha não tem mãe...

O TENENTE-CORONEL

Ah! o senhor é viúvo?

PASSOS PEREIRA

Sou, mas tornei a casar, para dar-lhe segunda mãe. *(Aparece Dona Maria à porta da casa)* Francelina tinha cinco anos quando enviuvei...

DONA MARIA *(à parte, descendo)*

Quando enviuvou! Ah! ele é viúvo, meu Deus, ele é viúvo!...

O TENENTE-CORONEL (*à parte, vendo Dona Maria*)
Bom! começa a amolação!

DONA MARIA (*aproximando-se*)
Senhor tenente-coronel, muito bom dia... Bom dia, Senhor Passos Pereira...

O TENENTE-CORONEL
Dona Maria...

PASSOS PEREIRA
Minha senhora... Passou bem a noite?

DONA MARIA
Não... não... Muito agitada... muito nervosa... Sonhei toda a noite...

PASSOS PEREIRA
Com sua irmã das Laranjeiras?

DONA MARIA
Não! Coitada da minha irmã! (*O tenente-coronel vai sentar-se de mau humor no banco... À meia voz*) Sonhei com um homem...

PASSOS PEREIRA
Um homem?

DONA MARIA
Fale baixo. — Um viúvo.

PASSOS PEREIRA
Ah!

DONA MARIA (*à parte*)
Não percebeu... Oh! os homens são cegos! (*Alto*) Dê-me o seu braço, Senhor Passos Pereira; vamos até a horta...

PASSOS PEREIRA (*contrariado, dando-lhe o braço e saindo com ela*)
Pois não, minha senhora. — tenente-coronel, eu volto já...

O TENENTE-CORONEL (*depois que saem, erguendo-se furioso*)
Esta mulher é como a lavoura: está sempre a pedir braços! (*Entra Frederico, vindo de casa*)

CENA V

O tenente-coronel, Frederico.

FREDERICO
A benção, meu pai?

O TENENTE-CORONEL (*dando-lhe a mão a beijar, sombrio*)
Santinho.

FREDERICO
Mandou chamar-me?

O TENENTE-CORONEL
Mandei, sim, senhor... Venha cá... (*Levando-o para o banco e sentando-se ao lado dele*) Sente-se aqui... Estou muito zangado com você...

FREDERICO (*à parte*)
Aguenta-te no balanço, Frederico!

O TENENTE-CORONEL
Então acha você que isto de casamento é brincadeira de criança, hein?

FREDERICO (*à parte*)
Leonor queixou-se... (*Alto*) Foi uma leviandade, meu pai... uma criança de que tenho me arrependido e deveras...

O TENENTE-CORONEL
Vem tarde o arrependimento... Demais, ela é digna de você...

FREDERICO
Digníssima! Oh! mas depois que vi a outra! (*Erguem-se ambos*)

O TENENTE-CORONEL

A outra? Temos outra!

DUETINO

FREDERICO

A outra é muito mais graciosa,
Tem mais encantos para mim;
Nunca vi moça mais garbosa,
Não, nunca vi mulher assim!
A outra é bela entre as mais belas,
É gentil entre as mais gentis!
Convicto estou que de ambas elas
A outra só far-me-á feliz.

O TENENTE-CORONEL

Este mundo velho
De catrâmbias vai:
Fala assim um fedelho
Nas barbas do pai!
Que bonita história:
Que bonito angu!
De uma palmatória
Precisavas tu!

FREDERICO

Por ela suspiro de noite e de dia!

O TENENTE-CORONEL

Do que precisavas, velhaco, bem sei!

FREDERICO

Amor dos amores
Minha alma inebria!

O TENENTE-CORONEL

O tempora! o mores!
Nada mais direi.

FREDERICO

Por ela suspiro de noite e de dia!
Que exista outro afeto mais puro não sei!
Amor dos amores
Minha alma inebria!
Por ela de flores
A vida terei

O TENENTE-CORONEL
Por ela suspira de noite e de dia
Do que precisavas, velhaco, bem sei!
Amor dos amores,
Sua alma inebria!
O tempora, o mores!
Nada mais direi.

O TENENTE-CORONEL
A outra? Qual outra? Valha-me Deus, pois lembra-te de outra, quando sabes que o pai...

FREDERICO
Qual pai? Ela não tem pai! Só se é vossemecê.

O TENENTE-CORONEL
Eu? Então eu sou pai da filha do Passos Pereira, rapaz?

FREDERICO
A outra é filha dele.

O TENENTE-CORONEL
Que trapalhada, santo Deus! A outra é; e a outra quem é?

FREDERICO
Expliquemo-nos: eu prometi casamento a duas.

O TENENTE-CORONEL
Mas quem é a outra?

FREDERICO
A filha de Passos Pereira.

O TENENTE-CORONEL

Essa é uma; e a outra?

FREDERICO (*naturalmente*)

Leonor!

O TENENTE-CORONEL (*admirado*)

Leonor!...

CENA VI

O tenente-coronel, Frederico, o vigário, depois Passos Pereira, Dona Maria.

O VIGÁRIO (*acariciando o abdômen*)

Agora sim! Entrei num bolo de milho, que não lhe achei espinhas nem ossos!

O TENENTE-CORONEL (*a Frederico*)

Então não cumprimentas o Senhor vigário?

FREDERICO

Já nos falamos lá dentro.

O TENENTE-CORONEL

Urge desembrulhar esta meada. Aquela maldita Dona Maria carregou com o Passos Pereira para a horta.

O VIGÁRIO

Esta Dona Maria não me parece ter lá muito juízo! Está sempre a pedir-me o braço... sempre a dizer que toco bem violão!

FREDERICO

Eles aí vem.

(Entram Passos Pereira e Dona Maria de braços dado)

O TENENTE-CORONEL

O Doutor Pinheirinho está fazendo falta...

DONA MARIA

Então! tomou o seu café, Senhor vigário?

O VIGÁRIO

É verdade, minha senhora... e com um bolo de milho...

DONA MARIA (*deixando o braço de Passos Pereira e indo apertar a mão de Frederico*)

Como passou a noite?

FREDERICO

Um sono só. (*À parte*) Não preguei o olho. (*Alto*) E a senhora?

DONA MARIA

Muito agitada... muito nervosa... Sonhei toda a noite... (*Baixinho*) com um moço...

FREDERICO

Um moço?

DONA MARIA

Fale baixo. — Um moço solteiro... estudante...

FREDERICO

Ah! (*À parte*) Dir-se-ia uma declaração!

O TENENTE-CORONEL (*de mau humor, apontando para Dona Maria*)

Decididamente aqui não arranjamos nada! Senhor vigário, Frederico, Senhor Passos Pereira, vamos para a sala de visitas...

FREDERICO

Vamos (*À parte*) Devo estar com uma cara...

OS QUATRO

Com licença, Senhora Dona Maria.

(*Entram em casa*)

CENA VII

Dona Maria, depois Raimundo.

DONA MARIA (*só*)

Anda uma balbúrdia nesta casa, que só Deus sabe... O que eu desejo, no meio de tudo isto, é não ficar sem casamento... Arre, que não é sem tempo! (*Tirando um livro do bolso*) Vou ler este romance, que me mandou da corte minha irmã das Laranjeiras... *As mulheres de bronze...* Ah! de bronze é que eu queria ser! (*Senta-se no banco e abre o romance. Aparece ao fundo Raimundo, montado num burro*)

RAIMUNDO

Eh! eh! Olá! (*Apeia-se e entrega o animal a um negro que aparece*) Vai guardar... o... outro! (*O negro sai, levando o animal pela rédea. Raimundo desce à Cena*)

DONA MARIA

Já de volta de seu passeio, Senhor Mundico. (*À parte*) Este, à falta de outro...

RAIMUNDO (*à parte*)

Gos... gostei do... Mundico. (*Alto*) É ver... verdade, mi... minha senhora. Esta gen... te a... aqui não sabe go... gozar... e fica na ca... na cama até que... que horas! (*Indo apertar-lhe a mão*) Como pa... passou a... a noite?

DONA MARIA

Mal... muito agitada... muito nervosa... Sonhei toda a noite com um... moço...

RAIMUNDO

Um mo... moço?

DONA MARIA

Fale baixo. — Um moço gago...

RAIMUNDO (*à parte*)

A velha es... está me fa... fazendo uma de... decla... declaração!...

DONA MARIA

Vamos dar um passeio até a horta?

RAIMUNDO

Pois não! (*À parte*) Eu pre... preferia uma xí... xícara de café... (*Dá-lhe o braço*)

DONA MARIA (*saindo com ele*)

Ai, ai, Senhor Mundico. (*À parte*) Deixem lá... ele não é tão feio...

RAIMUNDO

Pa... pa... pa...

(*Saem. Não se ouve o resto*)

CENA VIII

Leonor, só.

LEONOR (*que sai de casa*)

Não me posso esquecer de sua perfídia! Mas não sou eu igualmente culpada? O que ele praticou não pratiquei também? Tenho acaso o direito de queixar-me? Que horrível situação, meu Deus, que horrível situação!

RONDÓ-VALSA

Que situação
O direito não ter de acusá-lo!
Duplo perdão
Deve ser de nós ambos regalo!
Tremendo estou,
Pois não sei se faremos as pazes!
Quem me mandou
Terno amor jurar a dois rapazes?
Eu tremo... tremo,
Soluço e choro,
Soluço e gemo,
Pois que o adoro
Com tanto extremo

De amor... de amor,
Que, se perdesse
Fortuna tanta,
Ó Virgem Santa,
Talvez morresse...
De dor... de dor!
Esta triste aventura,
Que aliás, faz rir,
De lição, porventura
Poderá servir!
Que situação
O direito não ter de acusá-lo!
Duplo perdão
Deve ser de nós ambos regalo!
Tremendo estou,
Pois não sei se faremos as pazes!
Quem me mandou
Terno amor jurar a dois rapazes?

CENA IX

Leonor, o Doutor Pinheiro.

O DOUTOR (*depois de alguma pausa*)

Leonor... é preciso haver entre nós uma explicação clara e positiva...

LEONOR

Não quero outra coisa. (*Indo sentar-se no banco. Pausa*) O senhor ama-me?

O DOUTOR

E mo pergunta?

LEONOR (*com simplicidade*)

Eu amo-o também. Casemo-nos... Não sei para que mais explicações...

O DOUTOR

São ociosas... são.

LEONOR

Eu já me esqueci o que o senhor me fez...

O DOUTOR

Esqueceste? Ah! estou perdoado!

LEONOR (*um tanto admirada*)

Está.

O DOUTOR (*caindo-lhe aos pés*)

Obrigado, Leonor... Obrigado! (*Beijando-lhe ardentemente as mãos*) Tiraste-me do coração um peso de seis arrobas!

LEONOR (*timidamente*)

Agora espero que me perdoará também...

O DOUTOR (*sempre de joelhos*)

Que te perdoarei? O quê?... (*Perplexo. Levanta-se lentamente*)

LEONOR (*à parte*)

Ai! ele de nada sabe! Ainda bem! (*Alto*) Perdoar-me... não o ter perdoado há mais tempo...

O DOUTOR

Não falemos mais nisso. O que deves é ajudar teu noivo a ver-se livre do Passos Pereira.

LEONOR

O que tem o Passos Pereira?

O DOUTOR

Vem buscar o cumprimento da promessa de casamento que eu fiz à filha...

LEONOR

Ela aí vem... Deixa-nos sós... Hei de desenganá-la.

O DOUTOR

Desengana... desengana... (*À parte*) Que papel estou eu representando, meu Deus do céu!

CENA X
Leonor, Francelina.

FRANCELINA (*friamente*)
Bom dia, Dona Leonor.

LEONOR (*no mesmo*)
Bom dia, Dona Francelina.

FRANCELINA
Passou bem a noite?

LEONOR
Perfeitamente, obrigada. (*À parte*) Em claro. (*Alto*) E a senhora?

FRANCELINA
Bem obrigada... (*À parte*) Não dormi cinco minutos. (*Vai sentar-se no banco*)

LEONOR (*depois de um momento de silêncio*)
Estava morta por vê-la.

FRANCELINA
Sim? Por quê?

LEONOR
É preciso que... que nos expliquemos.

FRANCELINA
A respeito de...

LEONOR
Sim, senhora: a respeito de...

FRANCELINA
Com mil vontades.

LEONOR (*indo sentar-se ao lado dela e ameigando a voz*)

Dona Francelina... a senhora não se zangue conosco... mas... ele não a ama!

FRANCELINA (*erguendo-se vivamente, à parte*)

Ele! Frederico! (*Alto*) Como não me ama, se me pediu em casamento?

LEONOR (*erguendo-se*)

Foi uma leviandade... Também me pediu a mim... E ontem...

FRANCELINA

A mim já me havia pedido há muito mais tempo! Tenho o direito de antiguidade.

LEONOR

Os últimos são os primeiros. Demais, eu não quero saber se a senhora é mais antiga do que eu...

FRANCELINA

Mais antiga, não! Olhe lá, hein?!

LEONOR

O que sei é que ainda agora mesmo, nesse lugar em que a senhora está, acabou ele de confessar que me ama.

FRANCELINA (*à parte*)

Oh! pérfido! (*Alto*) Vou dizer tudo a papai... porque, minha senhora, estes negócios devem liquidar-se entre os homens!

LEONOR

Mas que teima de moça! Ele não gosta da senhora!...

FRANCELINA

Mas eu gosto dele, está! Não cedo! (*À parte*) Era o que faltava! O meu Frederico!

LEONOR

Nem eu tampouco, ouviu?... ouviu??... (*À parte*) Tínhamos que ver! o meu Pinheirinho!

DUETINO

FRANCELINA

Não cedo! não cedo! não cedo!

Não me faltava mais nada!

Não vê! não vê!

LEONOR

Não tenho medo,

Nem de você,

Nem doutra mais pintada!

FRANCELINA

Não seja malcriada!

LEONOR

Não seja arrebitada!

E escute lá;

Talvez não saiba o que aqui está!

I

Como uma princesa

Tive educação,

Língua portuguesa

Sei com perfeição;

Toco bem piano,

Danço muito bem,

E a cortar um pano

Não me ganha alguém!

Sei ler,

Escrever,

Somar e diminuir

Multiplicar e repartir.

II

Que até sou pacata

Ninguém negará;

Moça mais cordata

Cuido que não há;
Mas, quando a mostarda
Chega-me ao nariz,
Faço uma bernarda,
Mato por um triz!
Sei dar,
Esmurrar,
Aplicar cem pescoções
E quatrocentos bofetões!

CENA XI

Leonor, Francelina, o Doutor.

(Francelina e Leonor vão engalfinhar-se, quando se mete de permeio o Doutor, que apanha de ambas)

O DOUTOR

O que é isto? o que é isto?

LEONOR

Chegou à propósito. *(A Francelina)* Ele aqui está; explique-mo-nos!

O DOUTOR *(timidamente a Leonor)*

Então é assim que a desenganaste?

FRANCELINA

Mas não é este...

LEONOR

Não é este?...

FRANCELINA

Não! É o Frederico!...

LEONOR, o DOUTOR

Ah! é o Frederico que!...

CENA XII

Leonor, Francelina, o Doutor, o tenente-coronel.

O TENENTE-CORONEL (*aparecendo à porta da casa*)

Ó Leonor! Dona Francelina! Doutor! (*Sacudindo-lhe a mão*) Como passou a noite?

O DOUTOR

Bem, obrigado. (*À parte*) Passei-a em claro.

O TENENTE-CORONEL

Venham todos explicar-se à sala de visitas... Lá temos estado — o vigário, o Senhor Passos Pereira e eu... Mas quanto mais nos explicamos, mais embrulhamos a meada. A presença de vocês três é indispensável. Venham!

TODOS

Vamos!

O DOUTOR (*à parte*)

O Frederico... como diabo?... Estou fazendo uma bonita figura! Venham! (*Entram todos na casa. A Cena fica um instante vazia*)

CENA XIII

O mestre-escola, depois meninos da escola, Clorindo, Salustiano.

O MESTRE-ESCOLA (*entrando cautelosamente*)

Ninguém! Nós *entremo* pelo terreiro, para a *sorpresa sê mais maió*. Foi uma boa lembrança. Venho com todos os *menino* da escola *comprimentá* o tenente-coroné pela chegada de seu filho *Ferderico*. (*Para fora*) Psiu! *Venhum* tudo!

(*Música. Entrada de um Coro de rapazes de seis até quinze anos, fazendo uma escada. Entre eles, Salustiano e Fabrício. Depois do mais pequenino, está Clorindo, adulto e barbado. Cada um traz um ramalhete na mão*)

CORO DE RAPAZES

Menino da escola semos

E mais que o mestre sabemos,
Pois todos *este menino*
Sabe a cartilha de có,
Tanto os *pequenino*
Como os *mais maió!*

O MESTRE-ESCOLA (*ao público*)
É um gostinho! Querem *vê?* (*Aos rapazes*)
Digam lá o a b c!

OS RAPAZES

A, B
C, D
E, F, G, H
I, J, K,
L, M, N, O, P,
Q, R, S, T,
U, V,
X, Y, Z.

COPLAS

I
O MESTRE-ESCOLA
Este belo município
É-me muito *devedô:*
Dos *progresso das ciência*
Sempre na vanguarda *tou*
Por isso da Rosa o Hábito
Em breve *recebê* vou!

CORO
Ai! ai!

II
O MESTRE-ESCOLA
Quando eu *tivé* a teteia.
Hei de *dá* um bom *jantá;*
Os *juiz* e seu vigário

Convidadinho será
E, durante um mês da *pândiga*
Tudo aqui ondem falá!

CORO

Ah! ah!
E, durante um mês da *pândiga*
Tudo aqui ondem falá

O MESTRE-ESCOLA

Vamo! vamo fazê mais um ensaio do discurso! Salustriano, diga lá.

SALUSTIANO (*aproximando-se e declamando*)

Senhô tenente-croné, se bem que sejamos...

O MESTRE-ESCOLA (*emendando*)

Que séjamo, Salustriano, que séjamo! Prencipia outra vez do prencípio.

SALUSTIANO

Senhô tenente-croné, se bem que sejamos...

O MESTRE-ESCOLA

Ah! É assim? (*Tira uma férula da algibeira e dá duas palmatoadas em Salustiano*) *Dá cá o discurso! Leia você, Fabrício...*

FABRÍCIO

Eu não sei, não senhô! (Desata a chorar. O mestre-escola procura outro com os olhos)

OS MENINOS (*chorando*)

Nem eu, não senhô!

O MESTRE-ESCOLA

Clorindo, tu é que vai sarvá a situação, meu véio!... (Dá-lhe o discurso)

CLORINDO (*lendo como nas escolas, soletrando e cantando*)

“Senhor tenente... co co, ro ro... Senhor tenente-cronel...

O MESTRE-ESCOLA

Croné... croné...

CLORINDO (*continuando*)

“Senhor tenente-*croné*, se bem que se se...”

O MESTRE-ESCOLA

Séjamos! Essa palavrinha tá dífice, tá! Dá cá, deixa emendá. (Tira um lápis e emenda) Se bem que semos... Prencipia de novo do prencipio.

CLORINDO (*no mesmo*)

Senhor tenente-*croné*, se bem que semos cri... an an... crianças... (*Chorando*)
Mas, seu *professô*, eu não sou criança... Eu sou menino de escola, mas não sou criança...

O MESTRE-ESCOLA (*tomando-lhe o discurso*)

Vacês o que é sei eu... Dê cá isto, que eu memo leio!

CENA XIV

O mestre-escola, Clorindo, rapazes da escola, Raimundo, Dona Maria.

RAIMUNDO (*entrando*)

Oh! que ba... que ba... ba... ba... talhão!

DONA MARIA (*ao mestre-escola*)

Bons dias, senhor professor. (*À parte*) Este não serve. É tão estúpido... (*Vai sentar-se no banco*)

O MESTRE-ESCOLA

Bons *dia!*

RAIMUNDO

Então o que anda fazendo com a ra... pa... pa... paziada?

O MESTRE-ESCOLA

*Nós viemo felicitá o tenente-*croné* pela chegada do filho dele.*

DONA MARIA

Ah! são os seus discípulos?

O MESTRE-ESCOLA

Sim, senhora; mas *veio* só os mais *inteligente*; os mais *burro* ficou.

DONA MARIA

Aquele barbado também é?

O MESTRE-ESCOLA

Também, sim, senhora.

DONA MARIA

Credo! que já tem idade para casar! Deve estar bem adiantado!

O MESTRE-ESCOLA

Clorindo, chegue-se ali à Senhora Dona Maria e dê umas *amostrinha* de sua habilidade.

CLORINDO (*aproxima-se de Dona Maria e vai a sentar-lhe no colo*)

Sim, senhor.

DONA MARIA

O que é isto?

RAIMUNDO

Que... que... que tal?

O MESTRE-ESCOLA

Desculpe ele... é costume...

DONA MARIA

Pensando bem... que mal havia?

O MESTRE-ESCOLA (*a Clorindo*)

Vá!

CLORINDO (*declamando como na escola*)

"As *arma* e os *barões assinalado*,

Por mares nunca dantes *navegado*

Passaram inda além da *Taporbona*,

Em perigos e *guerra esforçado*,
Mais do que permitia as *forças humanas*,
Entre gente *arremota edificárum*
Novo reino que tanto *assublimárum!*”

DONA MARIA

Muito bonito! Esse versos foram escritos pelo menino?

RAIMUNDO

Oh!

CLORINDO

Não, senhora! Quem me ensinou eles foi seu *professô*.

O MESTRE-ESCOLA

São de *Camãos*, *siá dona*.

CENA XV

O mestre-escola. Clorindo, rapazes da escola, Raimundo, Dona Maria, o vigário.

O VIGÁRIO (*entrando*)

Uf! Deixei-os lá a raspei-me! Nada, que o negócio cada vez mais se complica! Falam todos a um tempo! Ora que o vigário tinha que ser ouvido e cheirado em quanta questão de família apareça na freguesia! Dona Francelina já teve um faniquito... Dona Leonor dois... (*Vendo os circunstantes*) Olé! por cá? O que é isto? A que vem o regimento?

RAIMUNDO

Uma fe... fe... fe... feli...

O VIGÁRIO

Felicitação...

RAIMUNDO

Ao Te... te... te... nente co... co...

O VIGÁRIO

Ao tenente-coronel...

O MESTRE-ESCOLA
Pela arribação de seu *Ferderico*.

O VIGÁRIO
Ah!

DONA MARIA (*que tem levado a fazer festas a Clorindo*)
Sim, senhor; disse muito bem os seus versinhos.

RAIMUNDO (*à parte*)
Versinhos, os Lu... Lu... Lusia... a... das.

O VIGÁRIO
Quem, este machacaz? (*Clorindo beija-lhe a mão*) Isto é um idiota! já diz versinhos, e a apostar em como não sabe a Ave-Maria de cor!

CLORINDO (*muito lampeiro*)
Sei, sim, *senhô*...

O VIGÁRIO
Pois dize lá!

CLORINDO
"Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita... bendita..."

O MESTRE-ESCOLA
Anda, burro!

CLORINDO (*continuando*)
...sois vós, bendito é o fruto de vosso ventre, amém, Jesus."

RAIMUNDO (*batendo palmas*)
Bra...vo! bravo! (*Clorindo vai para o seu lugar. — À Dona Maria*) Não lhe...
lhe pergunta se... se... aquilo é fei... feito por... por ele? (*Dona Maria sorri.*
Entra o tenente-coronel)

CENA XVI

*O mestre-escola, Raimundo, Dona Maria, o vigário, Clorindo, rapazes da escola,
O tenente-coronel, depois Passos Pereira.*

O TENENTE-CORONEL

Ora graças que está tudo líquido! Arre! Custou!

O VIGÁRIO

Ainda bem! Chegaram-se todos às boas, hein?

O MESTRE-ESCOLA (*que tem se aproximado, lê com ênfase o seu discurso;*)
Se bem que *séjamos* crianças..."

O TENENTE-CORONEL (*sem reparar*)

Houve um quiproquó... O Pinheirinho supunha que o Passos Pereira...

O MESTRE-ESCOLA (*que tem mudado de posição, aos ouvidos do tenente-coronel*)

"...sabemo *compreendê* perfeitamente os sentimento *parterná!*"

O TENENTE-CORONEL (*que tem se assustado*)

O que é isto?

O MESTRE-ESCOLA (*continuando*)

"Todo aquele cujo *este* não *soubé* *compreendê* estas coisa não é *home*; por isso não *podemo* nos *furtá* ao *prazê* de *vi* *cumprimentá* vossa senhoria, *Senhô* tenente-*croné*, que neste dia *vê* restituído nos seus *braço* o filho que outrora *concebeu*; por isso *aceite* vossa senhoria, *Senhô* tenente-*croné*..."

PASSOS PEREIRA (*saindo de casa a gritar*)

Ora até que afinal nós...

TODOS (*impondo-lhe silêncio para não interromper o discurso*)

Psiu! (*Dona Maria chama para junto de si Passos Pereira, que obedece*)

O MESTRE-ESCOLA (*sem perturbar-se*)

"...um ramo de *fulô* de cada um de nós por este dia. (*Música na orquestra. Pequena desfilada dos rapazes, que, a um gesto do mestre-escola, vão entregar, um a um, o seu ramalhete ao tenente-coronel, que fica atrapalhado com tantas flores*)

O TENENTE-CORONEL (*depois da desfilada*)

Agradeço comovido esta manifestação, e convido-os para almoçarem todos comigo. (*Gritando para a casa*) Prepara o almoço pa-mais... uma... duas... três... etc. (*Conta quantos são os meninos e diz: "para tantas pessoas."* — *depois retoma a atitude de orador*) Ficaré gravado eternamente em meu coração este discurso, onde, imerecidamente, sou mais honrado que a língua nacional.

RAIMUNDO

A... po... poiado!

O MESTRE-ESCOLA (*à parte*)

Não entendi este final. (*O tenente-coronel dá um ramalhete a Dona Maria, e entrega Os outros a um negro que os leva para casa*)

DONA MARIA (*continuando uma conversa com Passos Pereira, a quem dá uma flor do ramalhete*)

Mas por que não se quer casar?

PASSOS PEREIRA (*pregando a flor numa casa do casaco*)

Eu minha senhora? Por uma razão muito simples...

DONA MARIA

Qual?

PASSOS PEREIRA

Porque sou casado!

DONA MARIA (*erguendo-se e deixando cair o ramalhete*)

Pois é casado?

PASSOS PEREIRA

Duas vezes, minha senhora.

DONA MARIA (*passando à esquerda*)

Ah! Aqui o Senhor tenente-coronel enviuvou e...

(Passos Pereira dá o ramalhete ao mestre-escola. O ramalhete anda de mão em mão até voltar, a seu tempo, às de Dona Maria)

O TENENTE-CORONEL

E não me quis casar... Para cuidados bastam os que já tenho! A senhora sim, é que deve casar... não está muito velha...

DONA MARIA

E tenho vontade, Senhor tenente-coronel; confesso: tenho muita vontade!

O TENENTE-CORONEL

E depois... tem um dote!

RAIMUNDO

Hein?

DONA MARIA *(desdenhosamente)*

Quarenta apólices da vida pública.

O TENENTE-CORONEL *(frisando)*

Uma casa assobradada na vila...

RAIMUNDO

Hein?

DONA MARIA

Afora o que ainda pode vir da minha irmã das Laranjeiras!

O VIGÁRIO *(notando a alegria de Raimundo)*

Olhe... aqui o Senhor Raimundo é que... Não toca violão... Toca?

RAIMUNDO

Não Se... Senhor.

O VIGÁRIO

Não toca violão, mas é um excelente moço. Casem-se.

DONA MARIA

O quê? Pois?...

RAIMUNDO (*dando a Dona Maria o ramalhete que lhe tem chegado às mãos, já escangalhado*)

Con... con... consente?

DONA MARIA

Mundico! (*Desmaia nos braços do vigário, que a quer passar ao tenente-coronel*)

O TENENTE-CORONEL (*esquivando-se*)

Está muito bem nos braços da Igreja!

O VIGÁRIO (*passando Dona Maria ao mestre-escola, e baixo a Raimundo*)

Case-se e meta-se na política; mas não vá com os conservadores.

O MESTRE-ESCOLA (*passando Dona Maria a Passos Pereira*)

Pesa como um pecado.

(*Passos Pereira atira-a nos braços do tenente-coronel*)

O TENENTE-CORONEL (*passando-a a Raimundo*)

Tome, que isto é seu. (*À parte*) Está livre de uma penhora!

DONA MARIA (*tornando a si*)

Onde estou?

RAIMUNDO

Nos... nos... nos meus braços.

DONA MARIA (*limpando a cara com o ramalhete, pensando que é um lenço*)

Não é um sonho, Mundico?

RAIMUNDO (*limpando-a com seu lenço*)

Não... não...

CENA XVII

O mestre-escola, Raimundo, Dona Maria, o vigário, os rapazes da escola, o tenente-coronel, Passos Pereira, Frederico de braço dado a Leonor, o Doutor Pinheiro de braço dado a Francelina, depois os negros.

O VIGÁRIO

Ah! aqui estão os namorados! mas... expliquem-me!

FREDERICO

Muito facilmente: eu tinha prometido casamento a Leonor...

LEONOR

E eu a Frederico.

O DOUTOR

E eu a Dona Francelina.

FRANCELINA

E eu ao Doutor Pinheiro.

FREDERICO

Mas vi Francelina...

LEONOR

Mas vi o Doutor Pinheirinho...

O DOUTOR

Mas vi Leonor...

FRANCELINA

Mas vi Seu Frederico...

OS QUATRO (*ao mesmo tempo, dando uma volta*)

E virei!

(*O tenente-coronel dá ordens a um negro, que se retira*)

PASSOS PEREIRA

Acharam-se juntos...

O TENENTE-CORONEL (*voltando*)

Envergonharam-se.

FREDERICO

Eu julguei que Leonor estivesse ressentida...

LEONOR

Eu, que Frederico me recriminasse...

O DOUTOR

Eu, que o Senhor Passos Pereira vinha buscar o cumprimento da minha promessa.

FRANCELINA

Eu que o Doutor Pinheiro me tivesse atravessada na garganta...

OS QUATRO

E embatuquei!

O TENENTE-CORONEL

Mas perceberam agora que os desvio de suas promessas... era um deslumbramento; que o amor verdadeiro tem obrigação de ser eterno, como diz o Padre Vieira, e casam-se: Leonor com Frederico e Dona Francelina com o Doutor Pinheirinho... Reviraram.

(Dão todos uma volta)

OS NOIVOS *(abraçando-se)*

Com muito prazer

O MESTRE-ESCOLA

Não entendo...

O VIGÁRIO

Também não é preciso... Os três casamentos far-se-ão no mesmo dia...

FREDERICO

Três! Qual é o outro?

RAIMUNDO *(apresentando Dona Maria)*

O nos... nosso.

DONA MARIA

Eu e Mundico.

(Abraços, apertos de mão, parabéns, etc.)

O VIGÁRIO

Três casamentos, noventa mil réis.

DONA MARIA

Vou escrever à minha irmã das Laranjeiras.

(Volta o negro trazendo um violão, que entrega ao vigário, e uma rabeca, que entrega ao mestre-escola)

O TENENTE-CORONEL

Vamos a um cateretê?

(Os rapazes da escola fazem uma roda. Entram os negros e fazem outra roda. O mestre-escola trepa no banco para tocar rabeca. O vigário ao lado, com uma perna sobre o banco, toca o violão. Os outros personagens formam uma nova roda no proscênio)

CORO FINAL

Quem tem coqueiros tem cocos,
Quem tem cocos tem coquinhos,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem carinhos;
Ai, amor,
Tens mais perfumes que uma flor!

LEONOR *(vindo ao proscênio, ao público)*

Vou lhes dizer um segredo
Que não devem divulgar.
Se não gostaram da peça,
Um conselho hão de aceitar:
Saltem ligeiros,
Saltem para cá;
Entrem na dança!
Então! Vá lá!

Pois que não deixa
De ter seu quê
Um requebrado
Cateretê!

(Dançado característico, executado por quantos estão em cena)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com